

FAC. MEDICINA USP
FUNDADA EM 1934

ANNO IV



SÃO PAULO, 1.º DE JUNHO DE 1920

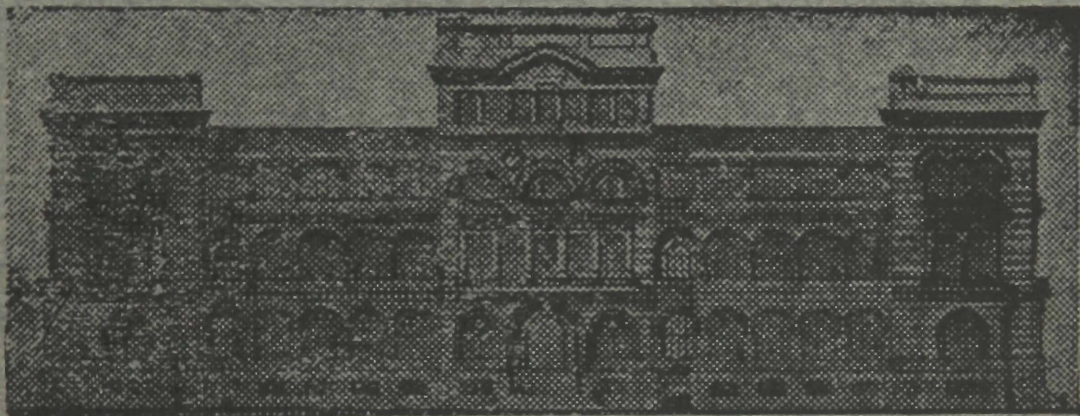


NUM. 15

REVISTA DE MEDICINA

Orgam do Centro Academico "OSWALDO CRUZ"

DA FACULDADE DE MEDICINA
E CIRURGIA DE SÃO PAULO



== FACHADA DO NOVO EDIFÍCIO DA FACULDADE DE ==
MEDICINA E CIRURGIA DE SÃO PAULO, EM CONSTRUÇÃO

== COMISSÃO DE REDACÇÃO

Presidente: Potyguar Medeiros

Redactor-chefe: João Norberto Longo

Redactores: José Ignacio Lobo

Felicio Cintra do Prado

Luiz Sergio Thomaz

L. Pereira Barretto Neto



— 1920 —
CARDOZO, FILHO & C.
RUA STO. ANTONIO, 9
— SÃO PAULO —

Summario:

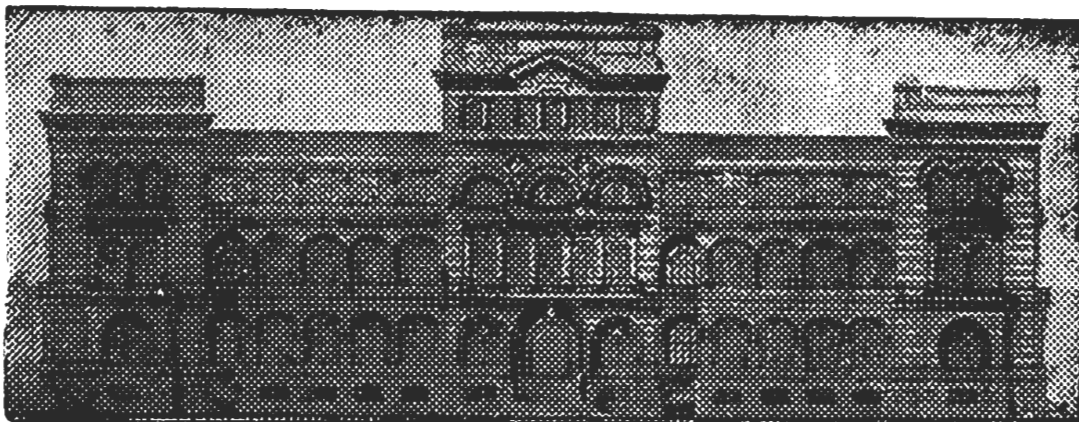
- Evaristo de Oliveira Abrantes — *Felicio Cintra do Prado* — PG. 5
- Dos deveres dos medicos — *Prof. Rubião Meira* — PG. 7
- Chorio-epithelioma atypico incipiente — *Dr. Carmo Lordy* — PG. 19
- Sobre o signal de Dorendorf — *Prof. A. de Almeida Prado* — PG. 23
- De alguns ensaios sobre a possibilidade de obtenção atravez de luvas finas, de impressões digitaes identificaveis — *Dr. Flaminio Favero* → PG. 32
- Da ancylostomose e sua prophylaxia — *Doutorando Ulysses de Souza e Silva* — PG. 36



REVISTA DE MEDICINA

Orgam do Centro Academico "OSWALDO CRUZ"

DA FACULDADE DE MEDICINA
E CIRURGIA DE SÃO PAULO



== FACHADA DO NOVO EDIFÍCIO DA FACULDADE DE ==
MEDICINA E CIRURGIA DE SÃO PAULO, EM CONSTRUÇÃO

== COMISSÃO DE REDACÇÃO

Presidente: Potyguar Medeiros

Redactor-chefe: João Norberto Longo

Redactores: José Ignacio Lobo

Felicio Cintra do Prado

Luiz Sergio Thomaz

L. Pereira Barretto Neto



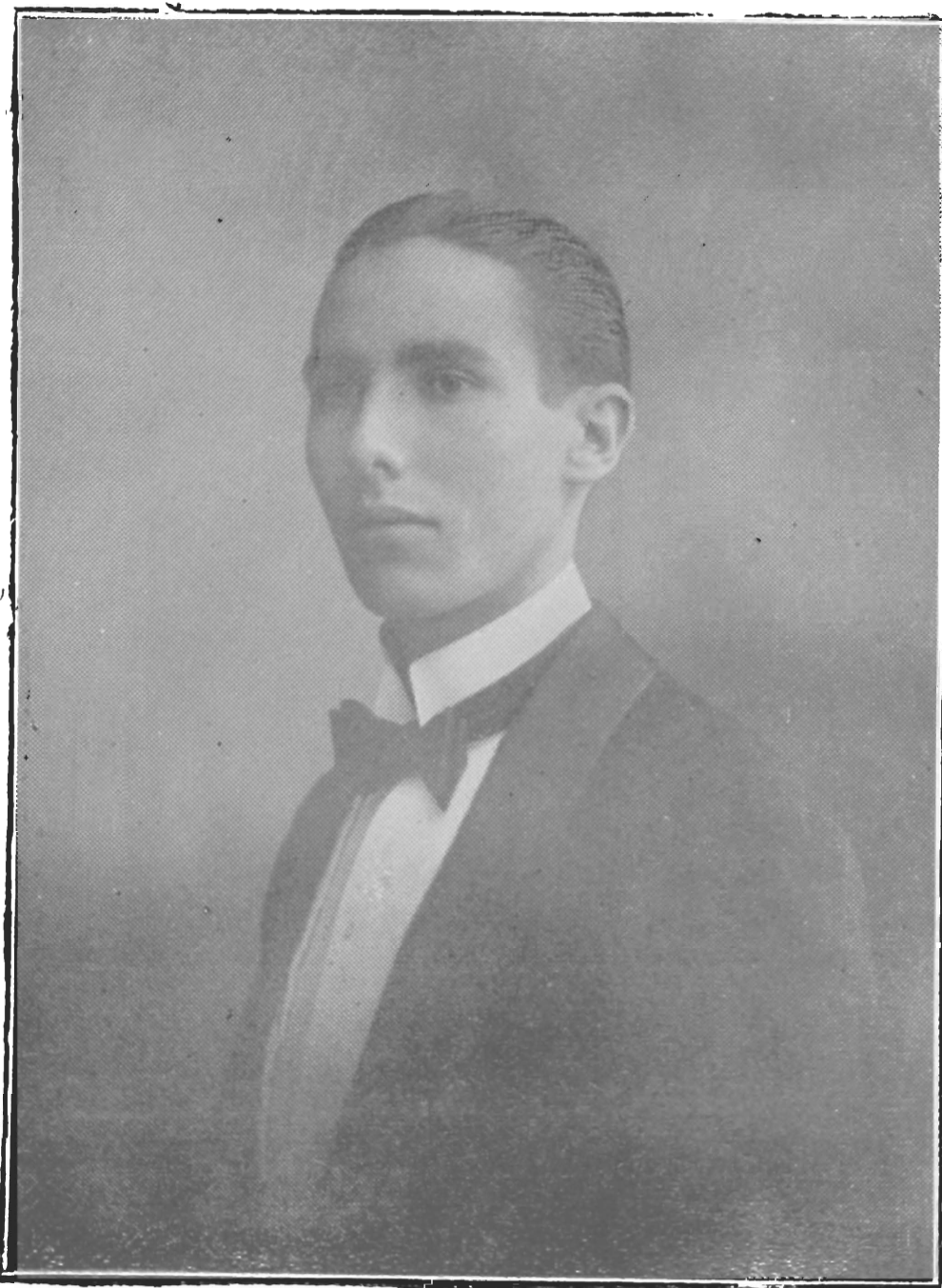
— 1920 —

CARDOZO, FILHO & C.

RUA STO. ANTONIO, 9

— SÃO PAULO —

SAUDADES



Evaristo de Oliveira Abrantes

Quart'annista da Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo

Fallecido aos 14 de Fevereiro de 1920.



EVARISTO DE OLIVEIRA ABRANTES

Pelo quart'annista *Felicio Cintra do Prado*

Ainda ha pouco, em ferias, quando saciados de descanso sentiamos já saudades dos companheiros e do nosso alegre convívio, cada um de nós, no recanto em que procurara o socego, teve uma dolorosa surpresa ao saber morto o nosso inesquecível Evaristo.

Surpresa e dor!

Surpresa — pois nenhum de nós imaginára a insidiosa molestia roubando-nos um companheiro e dentre tantos aquelle que se destacava dos mais pelo viço de sua exuberante saude; dor — porque Evaristo era um bom. Intelligencia de luz, coração feito de bondade, alma abrigo de nobilissimos sentimentos, o nosso desditoso irmão de luctas era relevo da turma, que nelle via o exemplo dos collegas e o modelo dos amigos.

De facto: tanta sympathia irradiava de sua palavra franca e tão lhano era o trato dispensado aos que o cercavam, que, sem contestação, de Evaristo se póde dizer — tinha verdadeiramente o condão de encantar.

Com merecimento, pois, tão grande á estima que lhe não faltava e que era bem um premio e um estímulo á correcção de sua vida, sobrava razão para a sua morte ser considerada uma perda, e ensombrar de tristeza aquelles em cujo meio se entregava aos arduos trabalhos da carreira medica.

E tal aconteceu.

Não houve quem deixasse de sentir o pesado golpe: a morte roubava-o aos seus companheiros de jornada quando vencida já estava metade do caminho, e justamente naquella idade em que o coração se enfeita das mais aurifulgentes esperanças e abre janellas largas para o sonho...

Com tantas qualidades Evaristo se fadára a uma vida feliz. Elle o sabia, presentira mesmo no florido noivado cheio de promessas e transbordante de venturas.

Se tudo até então lhe sorrira, porque não ser optimista para o presente e perdulario de esperanças para o futuro?

Desta certeza de vencer lhe nasceu uma grande resignação — fortaleza admiravel — em todos os pezares que, nas variações de que se tece a vida, succedem sempre ás alegrias.

Assim, quando a doença fatal o acommetteu, conformou-se com a sorte, percebendo que pisava então abrolhos e lhe faltavam petalas frescas amaciando a aspereza do caminho.

Emtanto esperava sarar, contava com melhores dias, e não disse uma queixa, não chorou uma lagrima porque julgava que para uma vida futura que tão linda se mostrara, melhor fôra soffrer para melhor merece-la.

Foi por isto que não quiz morrer.

E foi por isto que o seu coração bateu cheio de ancias até o ultimo momento, como pancadas fortes que se dão á porta de um thesouro fechado.

Mas o thesouro não se abriu: Evaristo morreu... Morreu levando para a sepultura o immenso pezar de ter attingido a Felicidade, sem tocar-lhe a fimbria do manto divinamente bello.

Destino triste que nos faz lembrar uma lenda do paiz oriental, cheio de crenças e de mysterios. Conta-nos essa lenda que as almas dos que morrem vão confiar ao seio fecundo da Mãe Terra a impressão mais forte que levam desta vida.

Pois bem. A acreditar-se na phantasia ataviada, ha de se concordar: Evaristo levou para o tumulo — onde morre a esperança e acha cura todo humano soffrimento — o grande amor que votou á Familia e aos seus, e principalmente a historia curta e suave do seu noivado em flor.

Desventurado amigo! Que tristeza causou a tua morte!... Confiada á rijeza do bronze, desafiando o tempo e o esquecimento, que grande saudade viverá eternamente naquella placa que mãos piedosas de amigos collocaram á porta de tua ultima morada!...

20 de Maio, 1920.





“DOS DEVERES DOS MEDICOS”

CONFERENCIA FEITA NO “CENTRO ACADEMICO OSWALDO CRUZ”
PELO PROF. DR. RUBIÃO MEIRA, AOS 26 DE ABRIL DE 1920

“A mocidade pede-me mais uma vez, eu venha, no dia commemorativo de hoje, occupar esta tribuna, que é de todas aquella em que me sinto melhor, porque é erguida pela sympathia da juventude que me cerca, em nome dos são principios que regem a vida academica. E, não me neguei ainda, porque não sei recusar a quem pede como quem manda — gentileza em acção, bondade acariciadora, nobreza de animo em actividade, generosidade explosiva e espontanea, nascidas n’alma e dominadoras do espirito, — sentimentos todos esses que vivem no coração dos moços e os tornam, por essa razão, sempre estremecidos, sempre queridos, devotados que são a causas de grandeza irreprehensivel, batalhadores incançaveis dos ideaes augustos. Esse que me traz até aqui, senhores, é um delles. Chamastes a quem não devieis chamar, mas não fugi ao vosso appello e aqui estou, cercado dessa geração nova, que é a depositaria de nossas esperanças na magestade do porvir da medicina brasileira, toda desejosa, quero crêr, de me ouvir na explanação do thema para que convidado, e a que vou dar a demão necessaria, para que ella sinta o meu entusiasmo, pelas cousas que lhe pertencem, por que a mim não mais me fazem móssa, não entram mais nos calculos de minha peregrinação pela terra. Tivestes o intuito de conseguir uma serie de conferencias sobre medicina profissional, ethica e jurisprudencia medica e quizestes ser generosos obrigando-me, com a gentileza de convite, a que se não póde negar, a iniciar essas confabulações.

Vê-se nesse desejo o elevado interesse que vos domina — o de conhecer os textos de medicina, que se não professam nas cathedras da Faculdade, mas que fazem parte integrante da profissão que adoptastes. Quereis conhecer os vossos deveres e os vossos direitos, examinar questões que preoccupam o vosso entendimento, como as que se referem á liberdade profissional — objecto debatido onde inda se não quietou a poeira da con-

troversia, ao charlatanismo — essa praga que nos tortura e nos vilependia tantas vezes no trafego profissional — ao segredo medico, com todas as minucias, que, em cada caso, nos deixam perplexos na maneira de proceder; aos honorarios de nossos serviços, quasi sempre menoscabados pelos que deviam respeitar, no clinico, o sacerdote devotado que a todo minuto joga a sua vida; ás responsabilidades, que tomamos sobre os hombros, em momentos em que somos tambem revestidos da toga da magistratura; e a tantos outros assumptos, que serão, em época opportuna, tratados por vozes mais competentes, mas em que, estou certo, não vibrará a mesma sinceridade com que vos fallo neste instante.

Tambem diante de vós não se pode, senhores meus, ter outra linguagem sinão a que brota espontanea dos labios, aquella originada não nas convulsões das cellulas cerebraes mas das pulsações do coração. Fallar á mocidade é fallar a voz da franqueza, e eu sinto-me feliz quando posso neste Centro fazer bater meu peito de encontro aó vosso, explanando assumptos, como esse de que me vou occupar, em que a verdade tem de sobrenadar sobre todas as cousas. Esse é o dom que vós exigis mais que qualquer outro, porque quem diz moço diz nobreza, diz lealdade, diz grandeza de espirito — qualidades moraes que formam sua alma. Eis porque preferi a parte mais aspera dessas conferencias, para entreter-me comvosco, procurando rasgar os véos da illusão que mora em vosso animo e dar-vos a conhecer os elementos de que tendes de servir para triumphar na vida clinica, que é o anhele mais ardente que vive em vosso coração, palpitante de esperança, por esse dia tão proximo, em que tendes de sahir desta casa para o tumulto do mundo. E, sahireis daqui como todos, certos de que vos sentis animados de grande coragem para supportar a vida profissional, embalados nos sonhos de grandezas impereciveis, idealizando conquistas majestosas, cheios de fé no futuro... Este é sempre o ideal sonhado por quem se senta nos bancos das Academias — e que se dissolve logo após, como uma bolha de sabão, se desfaz como uma chimera sem base, se evola como um sonho ao acordar tremendo das lutas e dos embates que a existencia prodigaliza aos entes humanos. Eu tambem assim fui, tambem assim pensei, tambem muito me illudi e cedo cahi na realidade bruta da desillusão. Quando passei os humbraes da Faculdade de Medicina e vi o meu primeiro doente — pobre velha que vinha curtindo padecimentos antigos, sem esperanças n'alma de prolongar a vida, sem fé nos conselhos dos medicos, vetusto arcabouço que se ia fanando aos poucos — acreditei que poderia salvar-a, com o fulgor de minha sciencia, que julgava portentosa, cheio de esperança nos ensinamentos dos mestres, e entrei desde

logo a levantar o moral dessa desditosa mulher, que se não illudia sobre seu triste fim, enquanto eu — piedoso ignorante — desconhecia que o meu saber era pequeno para fazer renascer uma vida que se ia fechando hora a hora... Não teve porém longa duração o meu ledo engano, porque antes mesmo de usar meus remedios já trespassava a desventurada, que morreu na illusão de que eu poderia tiral-a — eu tão jovem ainda — da voragem da morte, em que se ia afundando lentamente. Morreu, porém, senhores, illudida, finou-se coberta de esperanças, no momento preciso em que, no occaso, o sol escondia seus raios de luz, e patenteava que as grandezas da terra nada valem diante das leis phisicas immutaveis... Foi o primeiro golpe que soffri na minha vaidade de moço; eu que acreditava na potencia de meus conhecimentos, que me julgava capaz de galvanizar um cadaver e illuminar o cerebro de um demente, tive de reconhecer, desde logo, a inanidade da força do homem diante da fatalidade do destino, o vasio do poder da sciencia diante da destruição da materia, arrebanhada entre as fauces da parca maldita. Foi o primeiro golpe, mas tambem foi a primeira licção. Golpe fundo na minha pretensão que a ignorancia enroupava, mas licção poderosa tambem para meu espirito, porque desde então apprendi a necessidade de illudir, com a lampada da fé, o animo do doente, que chama o medico para alliviar seus males, consolar suas afflições, retirar seus soffrimentos. E esse é, senhores, o primeiro dos deveres profissionaes. Essa é a grande alavanca que o torna respeitado, o luminoso circulo que circumda de aureola refulgente de sacerdote, a sua fronte de martyr. Essa é a maior de todas as suas obrigações, o dever imperioso a que se deve render com o sacrificio muitas vezes da verdade, mas com o intuito grandioso de levantar o moral abatido, dos que confiantes se lhe chegam nas horas de tribulação. Aprendei, desde já, que entre os seus deveres de clinico aquelle que sobrepuja aos demais não é o de tratar do phisico, quando não podeis fazel-o com vantagem, nos casos em que a medicina deixa cahir por terra, por imprestaveis, as suas armas, mas sim o de cuidar do espirito do individuo, afugentando-lhe o espectro doloroso do fim implacavel que o espera. Esse é o maior de seus deveres. Senhores, porque ahi então a sua profissão confunde-se com a do sacerdote encarregado da salvação das almas, vós sereis tambem, nesses momentos, sacerdote, com os mesmos direitos que os que vestem as roupagens dos missionarios da religião catholica; vós tendes, então, a religião da Caridade em mãos, mas da caridade elevada e divina que se não confunde com essa outra que faz dar a esmola pela mão direita e obriga a esquerda a publicar, com estardalhaço, o feito. E' a assistencia moral o maior dos deveres que competem ao

clinico, soccorrer o individuo, com a unção de sua palavra evangelica, consolar seu espirito, retirando-lhe a duvida do termo final, que se approxima, levando-lhe aos labios o calix da esperanza, erguendo-lhe a fé, com a meiguice de seu verbo inflammado. E' necessidade imperiosa de seu dever assim praticar, porque esta obrigação entra nos mandamentos de seu officio, faz parte integrante dos fins de seu sacerdocio. Missionario do bem, patentea então qualidades raras que o destacam entre os homens na luta incessante travada pelos homens sobre a terra. Assume nessas occasiões papel de grandeza moral rara, sobresaíndo sua figura como o de um enviado do Todo Poderoso, aureolado do fulgor sagrado, diante do qual se devem curvar os que tocados da miseria da doença, não podem encontrar mais na sciencia a salvação da vida physica, mas encontram a da vida do espirito.

Esse é o dever mais imponente que compete ao clinico. Além desse não preciso insistir no que vos cabe como medico que tem de cuidar da saude do cliente. Esta assistencia é obrigatoria. Deveis sobrepôr a todos os vossos interesses pessoases os interesses de vossa profissão. Razão é essa por que o medico raramente cuida de outros objectos durante a existencia. O tempo lhe não chega para distrair sua attenção dos interesses profissionaes. Diante do clinico todos os que o procuram são iguaes — não ha distincção de classe nem de fortuna; com a mesma doçura de palavras, a mesma brandura de meios tem de soccorrer um abastado que o procura e um miseravel que o chama, a virtuosa mulher que o solicita como a mulher perdida que pede seu soccorro. Todos são iguaes. E talvez seria, senhores, mais nobre ainda que o medico redobrasse de carinho para os desprotegidos da sorte, por que assim, nesse ministerio, mais se elevaria e mais se engrandeceria. A igualdade dos entes, senhores, não esta só na mansão terrestre, não é só na morada das catacumbas que desaparece a vaidade, que se afunda o orgulho diante do nada que somos; não é só na cidade dos marmores que se mesclam os que pensavam ser grandes e os que foram pequenos, não. Aqui, a prova é palpavel por ser immensa, chama a attenção, grita por todos os lados. Diante da mesma terra que vai guardar o corpo de um rico como o de um pobre, para dar-lhe a transformação da materia, cessa e desaparece essa força de imaginação que cria a desigualdade de fortuna, a desigualdade de caracteres, a desigualdade de virtudes. Todos se confundem, todos se assemelham, todos são iguaes. Mas, diante do medico, na hora da molestia, no momento em que as dores aprisionam o individuo, no instante em que a afflicção e o desespero levantam o peito em haustos de tortura, tambem todos lhe são um — o padecente que

se soccorre de seu saber para retirar-lhe as agruras do soffrimento. Pouco lhe deve importar se tem ou não recursos para satisfazer seus honorarios, pouco lhe deve pesar se é um bom individuo ou se é um criminoso — o que é preciso que elle saiba é que é um ser que padece, que soffre e a quem tem de prodigalizar os recursos de sua sciencia, para alliviar-lhe os tormentos. Essa é que tem de ser a hermeneutica da medicina, fóra dahi é calcar aos pés os ensinamentos sagrados da arte de Hippocrates, que desconhece os individuos para reconhecer tão somente o individuo doente. Deveis soccorrel-o em todos os transes, buscar restaurar sua saude, afugentar o terror dos padecimentos physicos, eliminar a dor, assumindo o feitio de missionario do bem, que de vistas vedadas o pratica sem olhar a quem o faz. Molestias ha, vós o sabeis, que repugnam não tanto, á visão como ao tacto — e no emtanto, vós não tendes que vos recusar a tocar com vossas mãos essas miserias de materia. Um leproso que vos chama e a que tendes de acudir, que expõe as chagas que corroem seu corpo, donde escorre a sanie fetida que nausea o vosso olfacto, não vos deve inspirar senão misericordia, e tendes de lhe prodigalizar o pão do piedoso. Diante do medico miseria moral e miseria physica se equivalem. São termos de uma mesma equação. Tendes que soccorrer em um e em outro caso com a mesma blandicia e o mesmo carinho. Não vos são permittidos o asco nem o nojo; e sem o pejo nem repugnancia tendes de tocar nas ulceras da materia, como nas chagas do espirito. Esse é o vosso dever, essa é a vossa obrigação. Não lhe podeis fugir sem faltar ao vosso compromisso sagrado que tomaes sobre hombros, como o soldado que vai derramar seu sangue, em amor a sua bandeira, batendo-se por uma causa que muitas vezes horroriza o seu entendimento.

Mas elle, como o medico, jura sobre o pendão de sua patria a servil-a, como o clinico affirma seguir os trâmites de seu sacerdocio, sem julgar o caminho a vencer. A trilha é sempre uma só — procurar afastar a molestia, alliviar a crueldade dos soffrimentos ou sejam de ordem physica ou sejam de natureza psychica. Razão é essa porque nem todos têm a coragem precisa para vencer nessa cruzada do bem e muitos arrepiam carreira antes de iniciar a campanha. E' preciso forrar o espirito de grandeza de alma bastante resistente e ter comprehensão exacta de seu dever para resistir na luta que se trava dentro do tirocinio de sua profissão. Pouco deve importar ao medico o que delle pensa o cliente. Que tenha a sua consciencia em santa paz e tranquillidade que isto lhe basta como recompensa do que gasta em energia, do que depende em força.

Não deveis sepear a gratidão dos individuos — essa raro existe, mas tambem não vos deveis armar do preconceito que forra o animo de muito medico — que do cliente só quer o dinheiro. Não, meus amigos, essa é a noção erronea, de que não deveis partilhar. Do cliente nada nos cabe querer. E' natural que deveis ser recompensados em vosso trabalho, porque gastaes tempo e disso tendes que viver; mas a verdadeira remuneração está no repouso de vosso espirito, no remanso de vossa alma, na quietude de vosso animo, no cumprimento exacto de vosso dever. E isso está no interesse de acudir o vosso doente, sem olhar suas posses, sem procurar verificar se capaz ou não de retribuir muito ou pouco, dando-lhe o conforto de vosso saber, os conselhos de vossa experiencia, antes de enxergar o lucro e o valor da propina que vos será prodigalizada. Essa é que deve ser a lição que guardareis sempre, por que de todos os bens que o homem procura adquirir sobre a terra o unico que lhe dará a certeza de sua força e do exercicio de sua função é o repouso na ultima hora, no instante em que a alma se desata do corpo para voar á região creadora. Nunca deve o medico esquecer-se de que é operario de uma fabrica, cuja origem se encontra nos estabelecimentos religiosos, nos mosteiros e nos claustros, nos conventos e nas abbadias. Mesmo o abbade Tignau dizia que a sciencia da medicina é um poder que emana de Deus, tão bem como o dom do milagre; que ella é uma arte toda divina e toda miraculosa, que não é nada sinão aos que são dignos de pratical-a. E' impossivel ser habil medico, accrescenta, sem ser bom Theologo. Sabeis que Jesus curava os doentes e quando pregava a seus discipulos amados VADE ET TU FAC SIMILITER queria dizer que lhes conferia a divina sagrada de espalhar os beneficios que Elle prodigalizava, praticar os milagres que Elle obrava em sua divindade. Não quer isto dizer que o clinico deve agora operar as curas milagrosas, impossivel nesta éra do materialismo mais absoluto. Mas, ainda assim tendes de seguir os mandamentos exarados nas taboas dos pais da medicina que não se deixavam prender pelo interesse monetario e condemnavam os que recebiam em paga de serviços os honorarios devidos. Elles eram excessivos em seus designios porquanto não admittiam que se recebesse o minimo obulo pelo bem que praticavam. Chamavam-se ANARGYROS, o que quer dizer "sem dinheiro" e seguiam á risca o preceito do Senhor: RECEBESTES GRATUITAMENTE, o que poderá ser considerado digno para aquella epoca, mas não pode ter cabimento na actual, mesmo porque os conhecimentos que adquiris, vós os não conseguistes de modo gratis e sim com elevados gastos e grandes dispendios quasi sempre.

O zelo e o excesso iam ao ponto de serem considerados criminosos os medicos que recebiam esportulas pelos seus trabalhos. Conta a lenda — onde se bebe a licção dos factos que nos ensina a conducta na vida — que Cômé recebeu um dia, de uma doente que havia salvo de doença perigosa, a dadiva de dois ovos, falta tão abominavel que seu irmão, medico tambem, de nome Damião, tão horrorizado ficou, que pediu lhes dessem, aos dous, como castigo, uma sepultura commum.

Mas, Cômé, retrucou-lhe, em defesa, que não havia acceito o presente como salario, mas porque fôra invocado o nome do Senhor e não quiz ter o ar de desdenhar!

Vêde o escrupulo dos que professavam no templo de Hypocrates e o exagero a que levavam em sua fé, cheios de sinceridade e crentes de que a medicina não era mais do que uma emanção da vontade celeste no exercicio do sacerdocio. Entre os deveres que pertencem ao clinico — e dever forte que o torna aureolado do fulgor de super-homem — assiste-lhe o de não olhar para divergencias pessoaes, para inimizades creadas, nem mesmo no trafego profissional. Elle exerce, nesse momento, posição de destaque excepcional quando corre a praticar o seu nobre ministerio em pessoa com quem está de relações cortadas.

Para o verdadeiro medico não ha inimigos — ha doentes, ha individuos que soffrem e que se soccorrem de seus trabalhos. São condemnaveis aquelles que se deixam dominar no serviço de sua profissão pelos interesses pessoaes, pelas paixões individuaes, os que não enxergam nos soffredores um ente que padece e que clama pela sciencia para consolo de suas affições. Com que pureza d'alma, com que grandeza de coração, com que magnificencia de espirito não entra o medico em casa de seu adversario para valer-lhe nessa hora de desventura! Pouco importa que de volta do cumprimento de seu dever elle recuse estender-lhe a mão que despejou os beneficios, porque elles tem a consciencia limpa da execução rigorosa de seu papel soberano na communhão social. Pratica, então, verdadeira obra de caridade, porque vai, de olhos vedados, para o bem, não enxerga a quem distribue o consolo da sciencia e fica grande deante de si mesmo ao examinar suas acções, na hora derradeira da vida quando tiver de cahir sob a sentença do julgamento final.

Para o medico todos são iguaes e só assim considerando é que elle assume na existencia a posição invejavel em que o collocam sua sciencia, seu trabalho, suas aptidões, seus esforços em prol da humanidade. Nem de outro modo elle pode esmagar — sob o peso de sua superioridade — os que desconhecem a sua elevação moral, a magestade de sua figura. Mesmo aquelles

que o atacam, inda mesmo aos que pelas costas anavalham sua reputação, aos que o levam tantas vezes pela rua da difamação, pelas tortuosidades da amargura, a esses mesmos, quando tocados pela desdita da molestia e obrigados pela fatalidade da sorte a socorrer-se do que vilependera antes, o clinico tem o dever de assistir na doença, de cuidar com o carinho evangelico, lembrando-se de que elles devem ser perdoados, por que não sabem o que fazem, ignoram o mal que praticam, desconhecem a noção do bem terrestre.

Eu posso vos fallar com essa altivez, porque dentro da orbita de minha profissão assim tenho sempre procedido, espero sempre poder proceder, e deixo que o tumultuar das paixões humanas se quebrem a meus pés e não respinguem as gottas de fel da maldade sobre o arminho doutoral, que procuro enobrecer. Não me recuso aos adversários por esse ou aquelle motivo — e quem os não tem nessa vida tão cheia da ambições e contrariedades! — e sinto-me sempre satisfeito commigo mesmo quando cumpro com essa obrigação moral — porque, senhores, esses deveres que competem ao medico e que aqui explano em confabulação amistosa comvosco são todos de ordem moral, porque obrigação nenhuma temos de outra especie. A nada somos obrigados; muito pelo contrario, temos a liberdade maxima e absoluta de dispormos de nossa pessoa como pudermos e como entendermos. Não nos fica, entretanto, bem, uma vez que juramos, ao sahir as portas da Faculdade, nos reger pelos principios de Hypocrates, fugir ás obrigações impostas pela nossa sciencia. E é nisto que consistem os nossos deveres. Deveis, portanto, vós que sois moços, adoptar esse conselho de quem já tem mais experiencia e cabellos brancos bastantes para vos affirmar que nenhuma sensação existe tão grata para o nosso coração e tão violenta e tão suave ao mesmo tempo, como essa de verificar que um inimigo nosso vem confiar-nos uma vida preciosa, a saude de um ente que lhe é caro. E' nesse instante que sentimos as lagrimas de jubilo intimo que nos tornam superiores a todos os homens que se queimam e se torturam nas pelejas incruentas sobre a terra.

Outro dever que tendes para com o vosso cliente é o que affirmais aqui dentro desta Faculdade, nas horas cheias de esperanças em que daqui sahis rumo á existencia profissional — o de nadas verdes, nada sentirdes, nada fallardes. Essa é obrigação a que ficais preso pelos juramentos sagrados que vos são impostos e que infelizmente nem todos seguem á risca e a que muitos são perjuros. Habituai-vos, porém, a olhar o doente só como padecente, não enxergueis as miserias que o cercam, nem o luxo que o rodeia, e ao cabo de certo tempo vereis como é facil seguir-se esta imposição. O medico que entra

em uma casa vê tudo e nada olha — só deve olhar o individuo que padece. Bem sei que nem sempre isso é possível, porque com frequencia são os proprios doentes que chamam a attenção, que gostam de contar historias, ora de sua grandeza actual ou de sua miseria presente, narrando como chegaram a posição em que o vedes; mas o verdadeiro medico nada tem de perquerir e deve tomar tudo isto apenas como informação que lhe possa ser util para a obra de seu diagnostico e mais nada. Guardai-vos de vos manifestar sobre o assumpto, porque logo o individuo verifica ter perdido o tempo e fará de vós o conceito que mereceis com justiça. Não entreis tambem nas lutas de familia, tão communs e tão dolorosas, sem serdes chamados especialmente para esse fim. Procurai concilia-los se puderdes, mas se não fôr possível, deixal-os em paz, porque procurarão outros capazes então de conseguil-o. Essa é que deve ser a norma exacta que tendes de obedecer para que não vos maculeis ao contacto das miserias alheias. Essas obrigações fazem parte do segredo medico, capitulo debatido e em que não quero entrar, mas sobre que desejo deixar patente meu modo pessoal de encaral-o. O segredo tem de ser absoluto ou então não existe. Não deve haver fraccionamento na maneira de proceder. Ou o medico deve respeitá-lo em todas as conjuncturas ou elle deixa de ser o que deve ser. Ha casos, porém, em que o clinico se vê forçado a violal-o, mas ainda assim, e assim fazendo, incide em falta grave. Uma vez de posse do conhecimento de um factó, o conhecimento obtido no exercicio da sua profissão, o medico não tem o direito de divulgá-lo a quem quer que seja, nem mesmo que estejam em jogo pessoas que o interessem de perto. Pensai bem no que vos digo e descei commigo ao fundo do meu pensamento que vós vereis o doloroso do dever que vos compete como medico. Supponde mesmo um caso de honra e de honra de pessoa que vos toca. Se tiverdes tido sciencia delle no trafego de vossa profissão não vos cabe o direito de revelal-o, senão o dever de calar, nem que tenhais para isso de suffocar os vossos mais intimo sentimentos, de enrubecer de vergonha, de soffrerdes, as mais pungentes dores d'alma. E' o que tem de mais horrivel em materia de dever medico, mas a que tendes de sujeitar o vosso espirito, se quizerdes serdes aquillo que com certeza vós todos sois, nós todos somos, isto é, homens de bem. E' a face mais pungente de nosso ministerio, a mais horrorosa de todas aquellas que vos tenho posto á mostra. Se quereis ter noção exacta do que é o dever do medico em taes conjecturas abri essa formosa novella de Paul Bourget — UN CAS DE CONSCIENCE — e vêde a luta de horóe que o medico teve de sustentar para ser digno discipulo de seu mestre. Elle oscilla em salvar uma

familia de macula eterna, que se salvaria com um simples gesto seu; mas entre elle e essa gente, até então para elle extranha, o seu espirito torturado, abatido, excruciado, afflicto, entrevê a figura austera de quem o mandara e não mais hesita: — deixa que se succeda a fatalidade, que vai destruir aquelles a quem a piedade já movera em seu favor.

São paginas de fina psychologia, que aproveitam a vós outros moços, que tendes o coração palpitante das esperanças nobres que vivem em vossa alma. São transes que vos não desejo eu, mas em que talvez tendes de cahir no correr dos tempos. Se tiverdes, senhores, algum dia, de violar o segredo, que seja com o intuito de praticar o bem, nunca com o de acobertar o crime. Só assim sereis dignos filhos deste templo augusto — onde se procura cultivar a verdade e onde, no altar da justiça pontifica a clemencia divina — que é o templo de Hypocrates, sagrados e augusto, onde os impios, sem fé no seu poder, tem que deixar á porta as sandalias e entrarem de joelhos. .

Senhores, a profissão medica desdobra-se em outras tantas profissões, em cada uma das quaes existe a obrigação de uns tantos deveres, como esses que acabo de estudar e que se refere apenas áquelles que o clinico têm de obedecer para com o doente, no trato de seu Ministerio. O medico legista, o medico de companhia de seguros, o inspector de hygiene, o demographista, o homem de laboratorio, o radiologista, o medico militar, todos esses têm conducta diversa, mas em que sempre deve predominar o espirito de caridade, o de humanidade, mas em que podem considerar o segredo medico de maneira um pouco differente daquella porque a entendo eu, e, a desejo entendam outros como vós.

Não entro nesses detalhes, porque não fazem parte da alçada desta conferencia e teria muito que explanar para tirar conclusões que vos satisfaçam. Mas, entre os deveres que competem ao clinico ha um sobre que devo algo respigar ainda: é aquelle de que já tivestes prova ha cerca de um anno e meio — o de expor a sua vida quando uma epidemia assola as populações. Ninguem esqueceu ainda — tão recente foi a dolorosa calamidade que pesou sobre nós — os dias lugubres que S. Paulo passou lutando com a pandemia grippal que funestamente nos visitou e que como um tufão maldito nos arrebatou tanta existencia querida. Foram horas de amargura sem conta. Foram momentos de dor acerba sem salvação. Foram instantes crueis, em que o terror dominava mesmo os espiritos mais fortes. Nesses dias, o medico era a taboa de salvação, era o mensageiro do bem, que de casa em casa levava o con-

solo da medicina e o balsamo da fé, o pão do remedio e o labor da esperança. Nessa luta titanica com o mal a vida propria não lhe importava — sacrificava-se pelo dever, jogava a sua existencia para salvar a da humanidade. E quantos não pagaram com a morte, com o desaparecimento subitaneo, esquecidos, mallogrados, em plena pujança vital, na exuberancia da mocidade, o tributo de clinico que sobrepoz a interesse da collectividade, ao seu proprio, ao de sua familia. Quantos não baquearam! Quantos não desceram á terra fria, emmudecidos para sempre, no silencio eterno, arrebatados inopinadamente da vida que lhes sorria, por terem corrido a salvar quem os esqueceu logo após, deixando na miseria pequeninos entes que choram a amargura da desgraça, que seria evitavel se elles não tivessem de honrar o pergaminho que lhes dava o pão! Essas misérias, senhores, não podem ficar olvidadas e os nomes dos que tombaram para sempre acodem-nos aos labios murmurantes de commiseração, como o de condemnados pelo crime de terem honrado a profissão até ao sacrificio da vida e suas almas voam sobre nossa cabeça em prantos de saudade e de martyrio inegalavel. Vós os conheceis; mas aquelles que innocentemente os jogavam no abysmo da morte, talvez nem saibam mais quem elles foram — martyres do dever, heroes que cahiram na refrega, sacrificados a honra, crucificados pela salvação da humanidade.

Eis a nossa retribuição costumeira. Damos todas as nossas energias, empregamos todos os nossos esforços, dispendemos todas nossas forças, cumprimos a nossa obrigação moral e recebemos em paga apenas e unicamente o esquecimento, o olvido o mais completo. Foi como senão tivessemos existido: — passamos a vida espalhando o bem e a recompensa é a ignorancia de nossos actos, de nossas acções. Triste profissão essa nossa, embora tão cheia de nobreza, tão rica de grandeza, tão maravilhosa de beneficios que diffunde! Não vos desanimem essas palavras. Vós já deveis conhecer o mundo bastante, para que ellas vos pareçam extranhas. Já deveis ter contacto com a sciencia desses factos, porque elles fazem parte da vida diaria, entram no acervo dos acontecimentos habituaes. Eis um dos grandes deveres do medico — o de arriscar sua vida para salvar do naufragio toda a população quando ás voltas com um mal inclemente como esse por demais sinistro que nos assolou. Sois então martyres obscuros, porque cessada a campanha vosso nome desaparece da história dos vivos e só viveis na recordação daquelles a quem ficastes fazendo falta. Sois como abnegados que se sacrificam pela victoria de uma partida sacrosanta e que desaparecem, na noite sem aurora, deixando esteira de lagrimas, apenas abençoadas pelos tocados pela mão de Deus,

que lá, ao longe, no firmamento constellado, distribue justiça e gratifica os que perecem pelas causas divinas.

Meus senhores: A medicina vos seduzio e o seu estudo vos trouxe até aqui. Agora tendes que seguir até o fim de vossa aprendizagem, com sobranceira e sem tibieza. Não vos atemorizem os quadros negros que desenhei. Na vida é sempre assim. E senão fôra a existencia do escuro, o claro de nada valeria. No contraste das cousas reside muitas vezes a grandeza dellas. Não ha paisagem que enthusiasme sem a escuridão de trechos que fazem resaltar os mais luminosos. Da união da noite e do dia vós sabeis que é que surge a aurora. Não vos espanteis, portanto, do que de amargurado existe na profissão que abraçastes com o fervor de moços illudidos pela miragem dos triumphos da sciencia medica e da pobreza que ella encerra. Guardae apenas o contentamento de terdes entrado para uma companhia, onde se combate pela grande causa, que é da humanidade. Olhai a flammula que no alto da almatena desse templo fluctua aos quatro ventos, e lêde a inscripção que alli refulge — a caridade. Tomal-a sempre como conducta na vossa existencia futura. Não vos deixeis captivar pela fortuna e preferi sempre, meus amigos, a recompensa celeste que é a maior paga que tereis a receber — a tranquillidade do animo é, só assim, podereis galgar victoriosos a terra de vossos sonhos, galar-doados pelas benções dos humildes, admirados pela voz dos poderosos e sempre adorados pelos que comprehenderem que fostes dignos discipulos do Senhor, porque espalhastes o bem, derramastes a mancheias a cornucopia do consolo, mitigastes as afflicções, curastes as dores.

Estes são os vossos deveres. Observal-os com carinho que assim encontrareis estrada que leva ao capitolio com passos aligeirados pelo caminho sem urzes nem espinhos, atapetados de flores, e a alma cheia de bonança angelica, o espirito transbordante de jubilo sagrado.



CHORIO-EPITHELIOMA ATYPICO INCIPIENTE

pelo DR. CARMO LORDY

Com os trabalhos de Marchand, que elucidaram a relação entre a proliferação exagerada do trophoblasto fetal e a formação do chorio-epithelioma, ruíram por terra as multiplas opiniões, mais ou menos engenhosas e erroneas a respeito.

Clinicamente, o chorio-epithelioma é incluído no numero dos tumores de typo maligno, pela invasão e destruição do tecido ambiente e pela frequencia de metastases que determina; mostrando analogia com o carcinoma, tanto mais que, como elle, provem de cellulas epitheliaes e se emancipa do tecido conjunctivo.

No ponto de vista, porem, anatomo-pathologico, tal classificação parece forçada, porque seus elementos são destituídos de stroma e vasos proprios, são essencialmente estranhos ao organismo em que se desenvolvem, sem falarmos dos casos authenticos, apesar de raros, de cura expontanea de taes producções.

O chorio-epithelioma pode provir de restos placentarios depois de parto ou aborto, após semanas, mezes, annos, (9 annos, 22 annos, Koritschoner); porem, uma bôa metade dos casos se desenvolve sobre uma mola hydatica ou vesicular. Si não causa grande embaraço a explicação do maior ou menor periodo de latencia destes elementos, tendo-se em vista seu character parasitario, a difficuldade sobe de ponto quando se pretende determinar o stricto limite entre a mola vesicular e o chorio-epithelioma, onde aquella acaba e este principia.

Na mola hydatica observamos egualmente a exagerada proliferação do ectoblasto fetal, assistimos tambem á infiltração e destruição da parede uterina, á penetração nos vasos sanguineos, á formação de metastases, como no chorio-epithelioma.

Atravez da leitura dos auctores mais especializados no assumpto, percebe-se que subsistem apenas grãos quantitativos e não qualificativos de differenciação entre os dois.

O trophoblasto fetal, em qualquer periodo e particularmente no começo da gravidez, é normalmente dotado de um poder proliferativo e aggressivo, que lhe permite invadir a decidua, infiltrar a musculatura uterina, perfurar vasos sanguineos. Manifesta-se, ás vezes, por todo o organismo uma verdadeira disseminação de cellulas fetaes, mais raramente de inteiras villosidades, além dos casos de eclampsia, em que é attingida a maxima intensidade, como provam as pesquisas de Kossyanow, Lubarasch e de outros.

A esta aggressão, toda physiologica, o organismo materno, como adiante demonstraremos, responde mobilizando seus meios

activos de defeza e, quando estes faltam, sobrevem a manifestação pathologica chorio-epitheliomatosa.

Accentuamos a fragilidade dos traços divisorios entre a mola vesicular e o chorio-epithelioma, porque, diante do caso que vamos apresentar, nosso espirito, não sem alguma justificada hesitação, deixou-se inclinar mais para um chorio-epithelioma em phase ainda incipiente.

A. C., com 20 anns de idade, de constituição physica fraca, poucas semanas depois de um aborto, expelliu uma mola hydatica e, em consequencia das continua metrorrhagias, sujeitou-se, mez e meio depois da expulsão da mola, á extirpação total do utero.

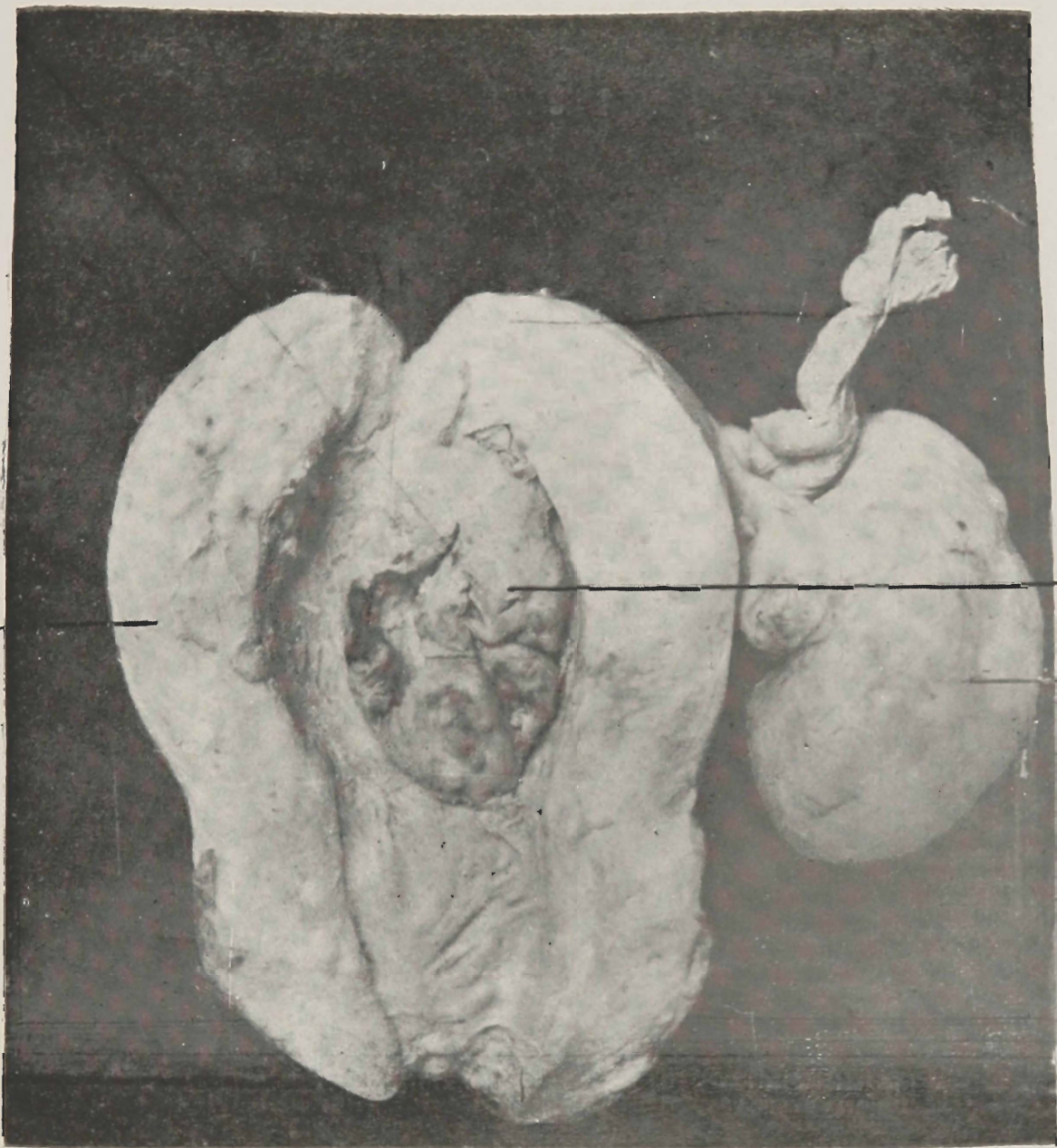
A operação foi praticada pelo Prof. Arnaldo Vieira de Carvalho e a peça anatomica enviada ao laboratorio de Anatomia Pathologica da Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo, para pesquisas.

O utero augmentado de volume tinha 12 c/m de comprimento, sua parede 2 c/m de espessura. A cavidade uterina aberta apresentava um diametro transversal de $3\frac{1}{2}$ c/m. No fundo da mesma, mais para o lado esquerdo, notava-se uma formação polyposa de larga base de implantação, de superficie exulcerada, de consistencia molle, de coloração roseo-avermelhada, accentuadamente vermelho-escuro em alguns pontos correspondentes a pregressas hemorrhagias. Seus diametros eram de $4 \times 2 \times 1$ c/m.

Foram praticados diversos cortes em differentes alturas, interessando a parte polyposa e a parede uterina ao mesmo tempo, uzando-se os communs meios de fixação, inclusão e coloração.

O que principalmente chama a attenção é o formato, as dimensões e o modo todo particular de infiltração dos tecidos pelas cellulas tumoraes. O aspecto destas cellulas uma vez é alongado, principalmente entre os feixes e cellulas musculares uterinas, ora mais ou menos arredondado, como em meio dos focos cellulares de inflammação chronica, outras vezes muito variado. Geralmente apresentam grande dimensões, excedendo, ás vezes, de 100 micra e estendendo-se em todo o campo microscopico (com augmento grande). Peculiar a estas cellulas é a maneira de se infiltrar no tecido ambiente, muito differente da dos outros tumores malignos em que se dá communmente a infiltração em blocos mais ou menos espessos. Pode-se neste caso, atravez das camadas superficiaes da musculatura uterina, acompanhar a infiltração numa successão de cellula atraz de cellula, sem stroma e vasos proprios.

Tanto o protoplasma como o nucleo destas cellulas tomam de modo mais intenso a coloração do que as cellulas do



CHORIO EPITHELIOMA ATYPICO INCIPIENTE

- M** — Musculatura uterina da parede, espessada
- T** — Tumor polyposso na cavidade uterina
- K** — Kysto do ovario

meio ambiente. O protoplasma em geral muito abundante apresenta-se muitas vezes irregularmente vacuolizado e com formações hyalinas, arredondadas em seu seio, que relembram os corpusculos de Russel.

Quasi todas as cellulas são mononucleares, havendo entretanto algumas com 2, 3 e mais nucleos. O formato nuclear é geralmente alongado, outras vezes ramificado, de contornos irregulares e extravagantes. Seu tamanho é grande, ás vezes, enorme, apresentando-se, principalmente nas partes mais superficiaes do tumor, em franca degeneração. Nota-se, em não poucas vezes, a existencia de vacuolos geralmente grandes no centro, de modo a obter-se uma hyperchromatose peripherica. Em geral, os nucleos são muito ricos em chromatina e não apresentam estructura visivel. Notamos poucas mitoses e irregulares.

Apezar do polymorphismo, estas cellulas denunciam sua origem: são cellulas synciciaes. Não encontramos cellulas de Langhans.

A parte mais superficial do tumor apresenta-se exulcerada, havendo abundantes fócios hemorrhagicos em meio de feixes finos e grossos de fibrina hyalinizada. Existe ao mesmo tempo uma inflammação chronica, principalmente lymphocytaria e plasmacellular que se estende quasi até onde chega a infiltração tumoral.

Diante dos dados anamnesticos, do exame macroscopico da peça e histologico das preparações, pelos motivos acima exarados, hesitamos si deveriamos considerar esta producção tumoriforme como simples consecuencia evolutiva da mola hydatica expulsa ou antes como phase toda inicial de um chorio-epithelioma. A admittirmos esta ultima hypothese, restava provar a possibilidade de existencia de um chorio-epithelioma constituido apenas por um de seus dois componentes, o *syncitium*.

Os auctores chamam atypicos os chorio-epitheliomas em que se nota apenas o prevalecimento de uma só qualidade de cellulas. Heimann, entre outros, observou dois casos destes.

Schmaus os denomina *synciciomas malignos*.

Si, entretanto, todos se referem á predominancia de um typo cellular sobre outro, ninguem affirma a possibilidade da existencia exclusiva de um só dos dois componentes, como no nosso caso.

Para se explicar a ausencia de cellulas de Langhans, pode-se admittir a hypothese de que no inicio do chorio-epithelioma se desenvolvem apenas as cellulas synciciaes, a que indiscutivelmente o trophoblasto fetal dera seu poder invasivo.

Além de que, nem sempre é facil morphologicamente se determinar uma especie cellular.

Na placenta fetal, distante da placenta materna, encontram-se grupos de cellulas, que alguns auctores classificam como sendo cellulas deciduaes, outros como cellulas de Langhans.

Ora, si subsiste duvida sobre estas cellulas, quando agrupadas, si são ou não cellulas de Langhans, maior incerteza se deverá estabelecer nos casos, como no nosso, em que é apenas possivel que haja uma ou outra cellula destas, porem isolada e ainda não completamente evoluida a ponto de se denunciar histologicamente.

Rezumindo, deporiam contra o nosso diagnostico de chorio-epithelioma atypico incipiente a infiltração apenas celular e não em bloco, a existencia só de cellulas synciciaes e o numero reduzido de mitoses.

Em abono do nosso diagnostico falam a historia clinica (aborto, mola hydatica expellida, metrorrhagias continuas) a existencia de tumor na cavidade uterina, a falta de regeneração da mucosa do utero, que no aborto se dá no maximo seis semanas depois, o grande numero de cellulas e seu polymorphismo. Além disto, existiam no utero predisposições anatomicas para o desenvolvimento do chorio-epithelioma e com muita probabilidade dar-se-ia a evolução completa do tumor si a intervenção cirurgica não chegasse beneficamente em tempo propicio.

Por ser de actualidade, não podemos deixar em silencio a solução da questão dos meios de defesa do organismo materno, estrictamente relacionada com o apparecimento e evoluir do chorio-epithelioma.

Sobre este ponto, pode-se dizer que são tantas as opiniões quantos os auctores que delle se occuparam.

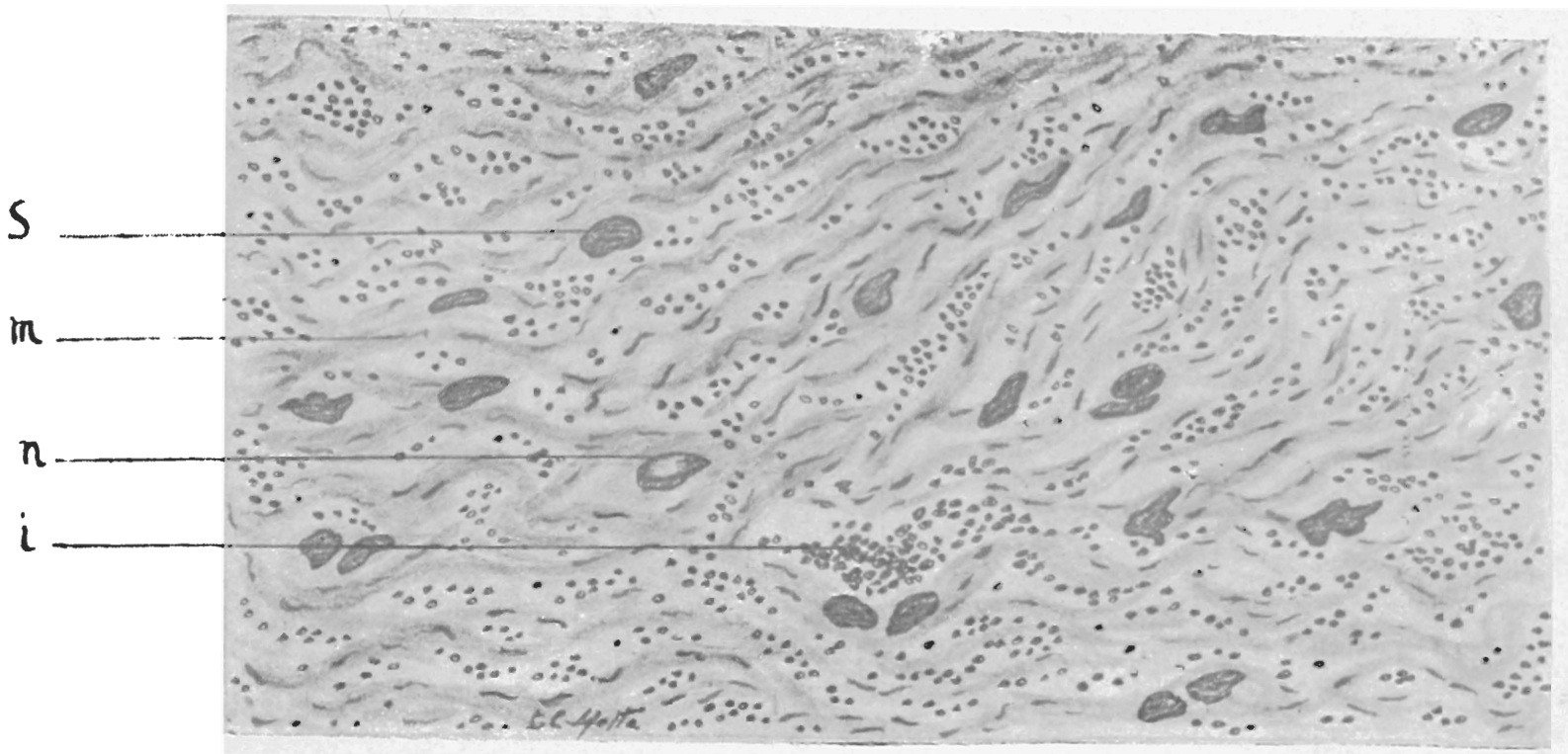
Rezumimos a opinião de O. Frankl, muito recente, baseada em pesquisas e observações, por ser a que mais satisfaz ao espirito.

Os elementos chorio-epitheliomatosos não possuem qualidades histologicas e biologicas differentes das do epithelio chorial, normal e novo.

Por exames sorologicos praticados por R. Kraus e seus collaboradores e por Liepmann, verificou-se que o soro normal de senhoras gravidas, pode dissolver cellulas fetaes (placenta, fígado, rins) *in vitro*. As cellulas de adultos não são dissolvidas.

O. Frankl poudo observar tres casos de mulheres portadoras de chorio-epithelioma, cujo sôro perdéra o poder dissolvente, deixando intactas *in vitro* as cellulas fetaes. O soro destas pacientes tambem não era capaz de dissolver cellulas cancerosas, agindo então, no ponto de vista sorologico, como o soro dos cancerosos.

Fica, assim, a *synciolyse* collocada numa base exacta e scientifica.



CHORIO EPITHELIOMA ATYPICO INCIPIENTE

- S** — Cellula syncicial
- M** — Cellula muscular lisa
- N** — Nucleo com degeneração vacuolar
- I** — Infiltração lymphocytaria e phasmacellular

Dá-se o apparecimento do chorio-epithelioma todas as vezes que no soro faltam os principios que normalmente existem e que são dotados do poder dissolvente das cellulas fetaes. Os casos de cura expontanea se correlacionam com o reapparecimento destes principios.

Além do interesse puramente theorico, é intuitivo o alto valor e importancia desta reacção para os casos de diagnostico duvidoso.

BIBLIOGRAPHIA

W. Liepmann. — Handbuch der gesamten Franenheilkunde.

Kaufmann. — Trattato di Anatomia Patologica Speciale.

Ribbert. — Trattato di Anatomia Patologica Generale.

Barbacci. — I tumori.

Aschoff. — Pathologische Anatomie.

M. Borst. — » »

SOBRE O SIGNAL DE DORENDORF

(Notas sobre a semiologia da fôssa supraclavicular esquerda)

PELO

PROF. A. DE ALMEIDA PRADO

Lente substituto de Clinica Medica)

A semiologia dos aneurysmas do arco aortico registando ao lado dos elementos diagnosticos fornecidos pelo exame objectivo do doente—o que constitue a semiologia physica propriamente dita—symptomas funcçionaes de compressão, tributarios da séde aneurysmatica, é das mais ricas que se conhece.

Taes sejam a séde e o volume de um aneurysma intrathoracico e a nenhum orgão do mediastino será licito escapar á sua acção compressôra.

Desiguaes na frequencia como no valôr diagnostico são todavia os signaes reveladores de um aneurysma: dentre elles uns, pela sua importancia, despertam desde logo a attenção do medico pondo-o na pista do verdadeiro diagnostico; outros, menos persuasivos porque tambem frequentes em outros estados mórbidos, passam para a segunda plana, despercebidos quasi em sua verdadeira significação.

A todos, entre os signaes physicos, sobreexcede em valor a existencia do tumôr pulsatil e expansivo, que tem fóros de pathognomonico, não obstante Rendu ter outorgado a certos

tumores malignos telangiectasicos a possibilidade de expansão, taes si fóssem verdadeiros aneurysmas.

Entre os symptomas funcçionaes gosam de grande conceito diagnostico a tósse com seu timbre especial e a dysphonia que resulta da compressão do recorrente esquerdo.

Duplamente prestimoso porque ministra noção não de séde sómente, mas tambem prognostica, é o signal de Cardarelli-Olliver, de que se soccorre a clinica todos os dias: noção de séde porque dependendo o signal do contacto do aneurysma com o trachéa e com o bronchio esquerdo na parte postero-inferior da concavidade do arco aortico, só, um aneurysma ahi localisado poderá realisal-o; noção prognostica porque deixa entrever a possibilidade da ruptura do aneurysma na trachéa e no bronchio, accidente de summa gravidade.

Muito menos conhecido, menos frequente, mas não destituido de valia é o signal de Dorendorf de que nos vamos occupar nesta publicação.

Objectiva-se o signal no abahulamento anormal da fóssea supraclavicular esquerda com a turgencia correlata da veia jugular externa do mesmo lado, turgencia permanente, desacompanhada de pulsação, invariavel nos diversos decubitus e nas duas phases respiratorias.

Simultaneamente ao abahulamento da região supraclavicular installa-se um empastamento que lhe dá, ao palpar, uma sensação de resistencia particular.

As relações anatomicas de intimo contacto mantidas entre a parte posterior do tronco venoso brachio-cephalico esquerdo com a parte mais superior da cróssa aortica explicam o apparecimento do signal, consequencia que é do obstaculo á circulação ao nivel do mencionado tronco venoso, quando este tronco se encontra premido por um aneurysma.

Nossa attenção foi despertada para o valôr diagnostico deste signal pela observação de dois casos nos quaes elle se concretizou com evidencia, dando-nos a convicção de sua valia semiotica.

Vejam as observações resumidas porquanto visam apenas salientar a semiologia concernente aos aneurysmas do arco aortico no tocante ao signal de Dorendorf.

Obs. I — *Aneurisma da cróssa aortica sem attingir o tronco arterial brachio-cephalico; compressão da trachéa, do esophago e do tronco venoso brachio-cephalico esquerdo; diplegia laryngéa.*

Esta observação diz respeito a um antigo enfermeiro da Santa Casa, admittido á II enfermaria de medicina para onde veiu trazido por antigos padecimentos, ultimamente aggravados,

imputaveis ao desenvolvimento progressivo de um aneurysma aortico cujos primordios symptomaticos datam de 1913.

Vem desse tempo os symptomas dolorosos sentidos no pescoço e na região retro-mastoidiana — verdadeira nevralgia cervico-occipital — que medicação alguma conseguiu abrandar, primeiro symptoma chronologico, a que se seguiram outros — dyspnéa, tósse espasmodica, dysphagia, dysphonia — todos accórdes em demonstrar a existencia de um syndromo compressivo mediastinal.

No inicio de sua doença esteve internado na III enfermaria sendo-lhe feitas então 55 injeções mercuriaes e uma de salvarsan; tirou desse tratamento bastante proveito, menos no que diz respeito á dôr que o acompanha sem remissões desde o inicio de sua doença. Em 1907 após um traumatismo foi-lhe estirpado o olho esquerdo.

O exame clinico demonstra desde logo notavel differença das fóssas supraclaviculares: á direita nóta-se a excavação normal da região e batimentos venosos visiveis, apreciaveis principalmente na expiração quando as saliencias das jugulares turgidas projectando-se bem, desenham-se sob a pelle como verdadeiros cordões azulados; o bulbo da jugular interna toma as dimensões de uma noz nos exforços da tósse; á esquerda ha completa immobilidade venosa e a região apresenta-se intumescida, dura ao palpar; em resumo: abahulamento da região, turgencia da jugular externa, sem pulsações, o que em conjuncto especifica o signal de Dorendorf.

Esses factos devidamente interpretados espelham a grande dificuldade da depleção venósa á direita, demonstrando que o sangue das jugulares encontra ahi serias resistencias para alcançar a auricula; durante a inspiração a progressão do sangue ó favorecida pela aspiração thoracica consequente á distensão pulmonar inspiratoria; na expiração, sendo menor essa distensão, o curso do sangue é difficultoso e a sobrecarga venosa vae-se reflectir no estado das jugulares. Mas si as condições da circulação venosa direita são assim deficientes, a immobilidade e a turgencia das jugulares esquerdas indicam deficiencia circulatoria ainda maior: indicam que o sangue se acha nellas represado, sem as alternativas de enchimento e de esvasiamento vascular subordinados aos movimentos respiratorios e ás contracções cardiacas.

A compressão do tronco venoso brachio-cephalico esquerdo responde pelo apparecimento da estase nos vasos do pescoço, pois é elle o tronco collectôr que, directa ou indirectamente, recebe todo o sangue venoso da região. Os demais symptomas e signaes do doente são os de um aneurysma da cróssa localizado após a emergencia do tronco arterial brachio-cephalico.

Assim verificamos a circulação venósa collateral adstricta inteiramente á parte superior do hemitorax esquerdo; pulso radial esquerdo notavelmente deprimido, quasi desaparecido; ligeiro œdema do braço esquerdo. Na furcula esternal sentem-se pulsações expansivas da cróssa e, á escuta, sopro rude. Não ha o signal de Cardarelli — Olliver. No dorso ouve-se um sopro de compressão tracheal expiratorio.

O exame radioscopico, feito pelo Prof. Barros, confirmou inteiramente o diagnostico clinico: aneurysma da cróssa fazendo maior saliencia á esquerda.

O exame laryngologico, feito pelo Dr.º Mario Ottoni, revelou a paralyasia de ambas as cordas vocaes, mais pronunciada á esquerda.

Commentario — Esta observação confirma cabalmente o valôr do signal de Dorendorf como indice de séde dos aneurysmas da cróssa. A differença dos pulsos radiaes, o œdema do braço esquerdo, a circulação venosa collateral á esquerda e, sobretudo o resultado do exame radiologico amparam sobejamente a localisação do aneurysma, presupposta no caso, antes da intervenção radioscopica, pela simples verificação do signal.

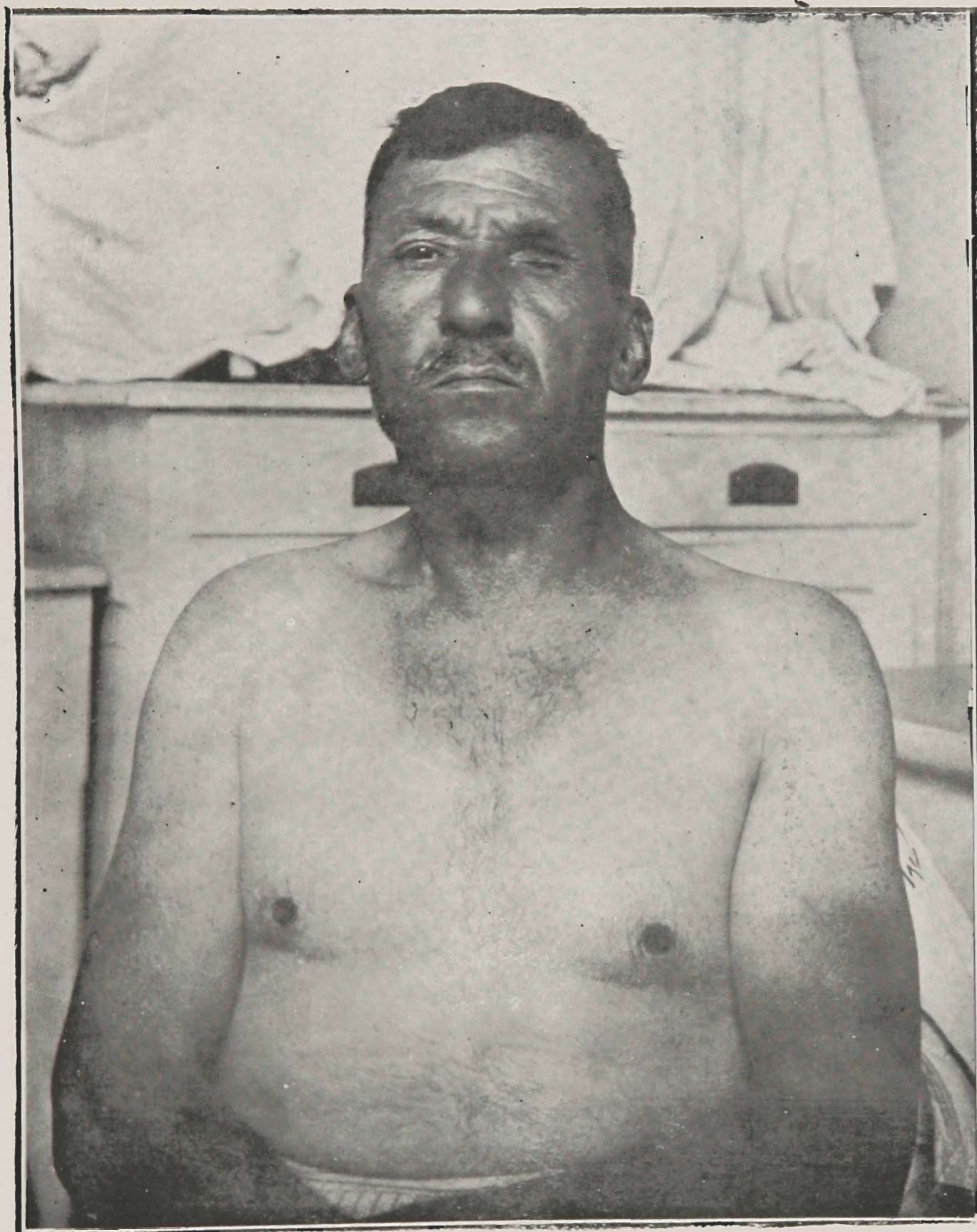
As paralyias recurrenciaes aneurysmaticas prestam ao medico cencurso semiotico inextimavel. Quanto á laryngoplegia esquerda que serviu de typo para a descripção classica de Dieulafoy, todos os autores são accordes em reconhecê-la como signal de séde de primeira ordem.

« Nes aneurysmas, escreve Cardarelli (1), que se propagam para a parte esquerda da aorta, o recorrente esquerdo apresenta-se fatalmente interessado ». As paralyias do recorrente direito são diversamente interpretadas: ao passo que a maioria confere á laryngoplegia direita valôr como nunciativa dos tumores do esophago, estribada no contacto anatomico do recorrente direito com a borda direita do esophago, outros, e entre elles De Renzi (2) e o grande Cardarelli acham que ella é symptomatica do aneurysma do angulo direito da cróssa, interessando o tronco arterial brachio-cephalico. A prevalecer sempre esse mecanismo pathogenico a diplegia laryngéa do nosso doente difficulta seriamente a exacta interpretação semiotica do caso: de um lado temos os symptomas já analysados comprobativos da localisação mais para á esquerda, por nós apontada; de outro lado, o acommettimento do recorrente direito, por indicar que o tronco arterial brachio-cephalico foi attingido, fala mais em favôr da séde direita do aneurysma.

(1) Cardarelli — Lezione scelte di clinica medica — 1920

(2) de Renzi — Lezione di clinica medica — 1905

SIGNAL DE DORENDORF
OBSERVAÇÃO I



Nóte-se o abahulamento da fóssa supra-clavicular esquerda

Poderíamos invocar aqui a noção physiologica das fibras bi-hemilarygéas admittidas pelo saudoso Prof. Etheocles Gomes e comprovadas pelas suas experiencias recentemente repetidas na these do Dr. Franklim de Moura Campos (1), em virtude das quaes a excitação de um recorrente determina effeitos não só homolateraes, mas tambem na larynge opposta.

Esses effeitos physiologicos sò foram obtidos, porem, pela excitação e nunca pela paralysisa do nervo, que é o que acontece em clinica.

Melhor explicação, e que tem por si a comprovação material de uma autopsia, se nos afigura presumir a existencia de uma massa inflammatoria peri-aneurysmal envolvendo em suas malhas o recorrente direito. Deygas, em cuja these figuram cinco casos de diplegia laryngéa por aneurysmas, cita uma observação na qual a autopsia demonstrou o encarceramento do recorrente direito no processo inflammatorio circumjacent. Aceitemos, pois, a noção de séde que nos dá a paralysisa de recorrente esquerdo attingido certamente de um modo directo pelo aneurysma, e admittamos a probabilidade do recorrente direito estar envolvido na massa peri-aneurysmal inflammatoriae

Obs. II *Dilatação da cróssa aortica por aortite chronica atheromatósa; insufficiéncia aortica e obliteração atheromatósa da humeral esquerda.*

Refere-se esta observação a um individuo velho, 50 annos, syphilitico, admittido á II enfermaria, a cargo do Prof. Rubião Meira.

Apresenta desde 1918 uma symptomatologia funccional — dôres vagas nos braços, cansaço, perturbações oculares, dyspnéa de esforço — que o fez procurar o hospital por duas vezes. Da primeira vez (Junho de 1918) recolheu-se á III enfermaria, a cargo do Prof. Ovidio Pires de Campos, de onde sahiu muito melhorado, após 15 dias de tratamento. Entregando-se a seus trabalhos de colono eis que voltam novamente os symptomas referidos, as dores nos membros superiores mais imperiósas e as perturbações oculares mais intensas.

Essas dôres narra-as o doente com clareza: todas as manhãs, antes de começar o trabalho, sentia dôres fórtes que se irradiavam pelos braços; iniciado que fôsse o trabalho, desvaneciam-se com o esforço muscular, para voltarem pontualmente na manhã seguinte com as mesmas characteristics.

Exame clinico: nóta-se bem o signal de Dorendorf: abaulamento e rijeza á apalpação da fóssa supraclavicular esquerda. A auscultação da area cardiaca deixa perceber um sopro

(1) Franklim de Moura Campos — emiologia dos nervos recorrentes — These da Faculdade de S. Paulo — 1920

diastolo-systolico no fóco aortico, agradavel ao ouvido, com a propagação classica do sopro da insuficiencia aortica. Na furcula esternal, que pulsa amplamente, ouve-se com o estethoscopio um duplo sopro com as mesmas qualidades acusticas do sopro do fóco aortico; esse mesmo sopro é ainda audivel mais fracamente na fóssea supraclavicular esquerda. A fóssea supraclavicular direita está escavada, o que resalta bem do cotejo com sua homonyma esquerda; sentem-se perfeitamente bem ahi as pulsações da subclavia direita, que se apresenta mais elevada que a esquerda. As carotidas têm movimentos expansivos francos. Aorta facilmente percutivel no segundo espaço intercostal direito. As humeraes estão sinuosas, com pulsações visiveis. A apalpação do pulso dá noções interessantes: o radial esquerdo está quasi desaparecido, com dificuldade sente-se a onda arterial que mal impressiona os dedos, ao passo que á direita o pulso é cheio, fórte. Observação cuidadósia revela no emtanto que no antebraço a humeral esquerda pulsa bem, sem retardo sobre a direita.

Radioscopia (Prof. Barros): Dilatação e levantamento da cróssa aortica.

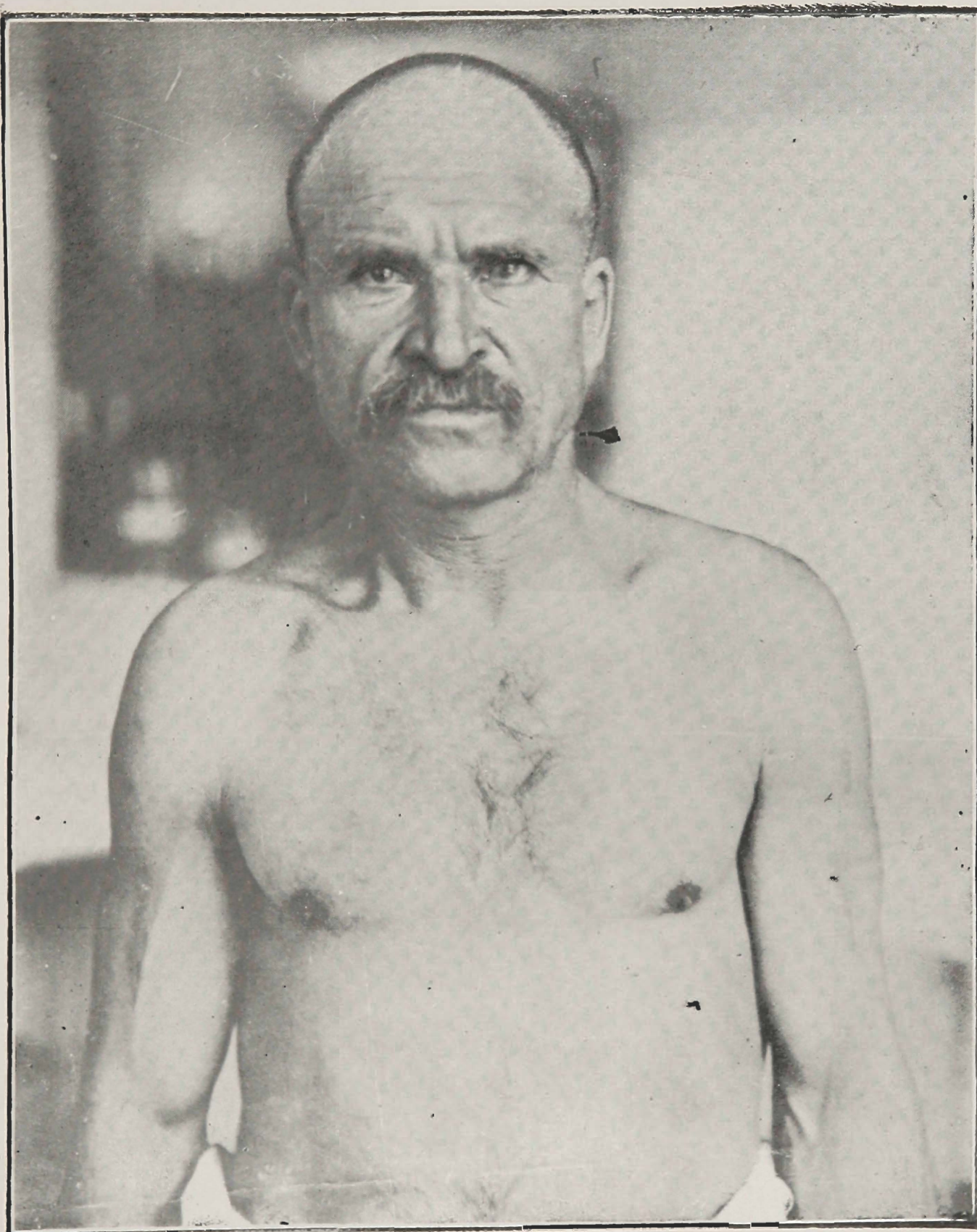
O exame dos olhos não foi feito.

Commentario — O diagnostico de dilatação atheromatósia da cróssa aortica e insuficiencia das sygmoides aorticas concomitante, feito clinicamente, e confirmado na sua primeira parte pelo exame radiologico, dispensa justificativas. A insuficiencia aortica não tem maior importancia no caso; representa apenas um epiphenomeno, um episodio secundario no quadro da affecção arterial geral, que é a aortite chronica. Destacamos apenas da symptomatologia do doente o phenomeno da claudicação dolorosa dos braços, si assim podemos definil-o, ligado evidentemente ás deficiencias da irrigação sanguinea, em consequencia do processo atheromatoso. A existencia de uma placa de atheroma obliterante ao nivel da humeral esquerda parece-nos indubitavel e explica logicamente a differença dos pulsos nas radiaes, que nas humeraes são isóchronos e da mesma intensidade. Da observação o lado que mais interessa, sob o ponto de vista que collimanos neste trabalho, é a presença do signal de Dorendorf, de uma evidencia insophismavel, ligado á estase dos jugulares esquerdas, que aqui, como no outro caso, filia-se á compressão do tronco venoso brachiocephalico.

Ora, na phenomenologia clinica da dilatação aortica os symptomas de compressão, tão frequentes nos aneurysmas, contam-se por excepções. Boinet (1) louvando-se na estatistica de

(1) — Boinet — Maladies des artères et de l'aorte en Nouveau Traité de Médecina de Brouardel—Gilbert — Thoinot tomo XXIV — 1913.

SIGNAL DE DORENDORF
OBSERVAÇÃO II



A photographia móstra com nitidez o abahulamento da fóssea supra-clavicular esquerda

Tranquilli, afirma que o signal de Dorendorf não existe na molestia de Hodgson (dilatação e insufficiencia aorticas). Esta opinião, verdadeira na maioria dos casos, não prevalece sempre. Si na dilatação fusifórme da aorta, encontrada as mais das vezes nas aortites agudas, mal se comprehende hajam signaes de compressão, outro tanto não succede nas dilatações ampullares, saccifórmes, dependentes sempre da aortite chronica tambem chamadas *aneurysmas verdadeiros*, em controposição aos aneurysmas propriamente ditos com a respectiva bolsa, collo e coagulos fibrinosos.

Foi levado por esse preconceito que Rendu (1) admittiu a existencia de um aneurysma num seu doente atheromatoso cuja symptomatologia se moldava exactamente ao nosso. Eis as suas proprias palavras: — «A dupla verificação de uma dilatação da cróssa aortica e de uma estase venosa jugular, evócalo a ideia de um aneurysma; si a dilatação traz batimentos no pescoço e elevação anormal da subclavia *determina só raramente phenomenos de compressão das veias jugulares.*» O doente objecto da discussão vindo a fallecer Rendu em nóta adicional relata o resultado da autopsia: — «a aorta está dilatada; toda a porção ascendente da cróssa fórma uma ampolla onde caberia folgadoamente um ovo de gallinha. A dilatação prolonga-se por toda extensão da cróssa, até a subclavia esquerda. A partir desse ponto, o calibre da aorta torna-se normal».

Eis ahi um caso não de aneurysma, como vulgarmente o entendemos, mas sim de dilatação ampullar da aorta e no qual os signaes de compressão jugular eram evidentes. Esta observação, em cuja discussão Rendu especulou o assumpto nas melhores paginas que já se escreveram sobre o thema, próva á saciedade que, raramente embóra, a dilatação da aorta póde-se acompanhar de symptômas de compressão, a ponto que o diagnostico com o aneurysma propriamente dito se impõe todas as vezes que se verificar a estase jugular. Valobra (2) consigna tambem o facto nas seguintes palavras: — «na arterioesclerose aortica é muito frequente a ectasia limitada (sem collo, sem bolsa, sem coagulos) a qual póde ser lateral, ampullar, alcançar o volume de um punho e *determinar phenomenos de compressão como si fôsse um verdadeiro aneurysma.*»

CONSIDERAÇÕES GERAES.

De tudo quanto vimos expondo resumbrá o alto valôr semiotico que adquirem os symptomas de compressão jugular no diagnostico dos aneurysmas da cróssa.

(1) — Rendu — Leçons de clinique médicale tomo I — 1890

(2) — Valobra — Le aortiti — 1916.

A presença do signal de Dorendorf bellamente retratado, sem outros elementos de informação, permittiu a Boinet firmar, de chofre, o diagnostico de aneurysma aortico em um de seus doentes. A' sagacidade dos antigos clinicos não escapou desprezado o valôr deste signal. Segundo refere Rendu, Green já em 1835 affirmava que o estado turgido, cheio, da jugular esquerda era symptoma de aneurysma aortico. Bacelli estudou-o tambem nos aneurysmas, em 1886.

Os signaes de estase venosa têm tanto mais valôr quanto é sabido que os aneurysmas da cróssa se revelam muitas vezes por uma symptomatologia physica imprecisa, quasi nulla; aneurysmas consideraveis da cróssa, acobertados pelo manubrio external que lhes fica á frente, permanecem latentes por longo tempo e só se exteriorisam por disturbios funcçionaes.

«Sempre, escreve Cardarelli, que estiver compromettido a circulação das jugulares, ou melhór dos troncos venosos brachio-cephalicos, deve-se pensar 90 vezes sobre 100 na hypothese de um aneurysma.»

Pela sua verificação summarissima, de uma simplicidade que fere a observação á primeira vista; pela noção exacta da séde que fornece — aneurysma da cróssa assestado após a sahida do tronco arterial brachio-cephalico; pela sua relativa frequencia, assume o signal de Dorendorf bastante importancia na pratica, a par do signal de Cardarelli-Olliver, cujo valôr corrobóra, substituindo-o na interpretação de séde quando este ausente.

Nos elementos que concorrem á producção do signal, devemos contar não só a compressão do tronco venoso esquerdo brachio-cephalico — que é a causa primordial — mas tambem a disposição anatomica das veias do pescoço, que nos dá a explicação porque a estase venosa é mais frequente e prepondéra sempre na fóssa supraclavicular esquerda. O sangue na veia jugular interna direita caminha sempre com maior velocidade que ua esquerda, porque a jugular direita tem um trajecto muito mais vertical em relação á veia cava, a qual vão ter ambas.

Ora, si normalmente ha um maior embaraço á progressão do sangue na jugular esquerda, é logico que pathologicamente, em havendo uma sobrecarga venosa, esta seja mais pronunciada onde encontre maior obstaculo circulatorio, em condições normaes. Os sopros anemicos audiveis sempre mais facilmente no bulbo da jugular direita que no da esquerda attestam que ha ahi maior velocidade da corrente sanguinea, sabido que na producção e na intensidade de um sopro a velocidade da corrente entra por muito.

A elevação da fóssa supraclavicular esquerda, a sua maior resistencia á apalpação, o abaixamento da tonalidade e

a maior largura do isthmo percussorio de Krœnig; a presença ahi verificada pela apalpação sob a derme de minusculos grãos como si fossem de chumbo; a arborisação venosa nas regiões infraclavicular e mammaria esquerdas compõem um conjuncto symptomatico superiormente descripto pelo Prof. Miguel Couto (1) nos grandes aerophagos, traduzindo o syndromo da hypertensão gastrica.

No signal de Miguel Couto, consubstanciado nos elementos semioticos que vão ahi expostos, havendo elevação e resistencia apalpatoria do triangulo supraclavicular esquerdo não ha estase da jugular externa, no que differe fundamentalmente do signal de Dorendorf.

Dentro ainda da semiologia da fôssa supraclavicular esquerda poderiamos lembrar a adenopathia cancerosa de Troisier, dos ganglios situados atraz do esterno-mastoidêo, no triangulo supraclavicular esquerdo, que por tantos annos gosou de invejavel reputação como signal pregoeiro do cancer do estomago. Pouco a pouco tal signal tem decahido do conceito de outr'óra e hoje tem ainda algum valôr como signal apenas de presumpção de cancer gastrico ou de qualquer cancer intrathoracico, que denuncia mais vezes.

CONCLUSÕES:

I — O signal de Dorendorf, resumido no abahulamento, na maior resistencia apalpatoria da fôssa supraclavicular esquerda e na estase jugular, pela noção de séde que inculca — aneurysma da crôssa sem interessar o tronco arterial brachiocephalico e comprimindo o tronco venoso homonymo esquerdo — tem grande valôr semiotico.

II — O signal póde existir, mais raramente, nas dilatações ampullares da crôssa imputaveis á aortite chronica atheromatosa.

III — A maior verticalidade da direcção da jugular interna direita em relação á veia cava superior explica a razão da estase venosa apparecer com mais frequencia e predominar sempre á esquerda, onde normalmente a velocidade da corrente sanguinea é menor que á direita pela mencionada razão anatomica.

IV — O abahulamento e a resistencia apalpatoria mais pronunciada no triangulo supraclavicular esquerdo, sem estase das jugulares, constituem o signal de Miguel Couto observado no syndromo da hypertensão gastrica.

(1) — Miguel Couto — Lições de clinica medica — 1916.



De alguns ensaios sobre a possibilidade de obtenção, através de luvas finas, de impressões digitais identificáveis. (1)

PELO DR. FLAMINIO FAVERO,

preparador da cadeira de Medicina Legal da Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo

A dactyloscopia é, por sem duvida, á luz dos postulados em que se alicerça, o melhor e o mais perfeito processo de identificação judiciaria.

O seu valor é incomparavel, por isso que, como se sabe, unicamente pelo exame dos arabescos papillares da polpa de um dedo, qualquer pessoa póde ser, com precisão, reconhecida em todas as edades. Bastaria, tão sómente, a impressão nitida de uma parte da polpa de um dedo para essa identificação, de accôrdo com o preceito de Bertillon calcado sobre a affirmativa de Forgeot de que não são identicos dous centímetros de superficie palmar.

De facto, até hoje não existiram, porque nunca existirão, dous individuos que tivessem os desenhos papillares perfeitamente eguaes em seus pormenores. Ainda mais, esses mesmos desenhos, apparecendo no 6.º mez da vida intra-uterina, persistem até á morte do individuo, apagando-se, somente, com a putrefacção cadaverica.

Nem pela vontade do individuo, nem pathologicamente, dentro de certos limites, o seu desaparecimento se dará.

Eis ahi aquisições scientificas que não poderiam passar despercebidas á policia judiciaria e, na verdade, não o passarani.

Na identificação de criminosos, é empregada frequentemente a comparação das respectivas impressões digitais com as impressões deixadas, inconscientemente, no local do crime, em moveis e objectos diversos nos quaes os criminosos tocaram. Essas impressões ahi deixadas podem ser visiveis ou latentes. As visiveis, por sua vez, positivas e negativas. Impressões visiveis positivas são aquellas deixadas pelos dedos sujos de sangue, de gordura, de tinta ou de qualquer outra substancia corante. Impressões visiveis negativas são as que produzem os dedos ao pousar sobre uma superficie plastica, tal como a cêra, a massa de vidraceiro, etc.

As impressões latentes, mais communs e que mais bem se conservam, são as deixadas sobre os differentes objectos tocados, produzidas graças ao suor dos dedos e á substancia gordurosa que póde untal-os, principalmente ao passal-os pelo

(1) Nota a ser apresentada á Sociedade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

rosto ou pelos cabellos. Estas impressões latentes, depois de reveladas pelos processos adequados a cada caso, tornar-se-ão visíveis e, portanto, identificáveis.

Mas, a um tal progresso da identificação, os criminosos não se submeteram e a sua imaginação astuciosa, tentando correr parelha com o evoluer da sciencia, suggeriu-lhes a idéa do emprego de luvas na pratica das suas façanhas. Dest'arte, empregando luvas finas, principalmente de borracha, o tacto não seria muito amortecido e ficaria obviado o grande, o perigoso inconveniente de sellar, com o sinete de uma impressão digital, um objecto tocado. O uso de luvas, porém, embora já verificado na pratica, e mais de uma vez, por Locard, não se generalizou e não deve ser muito receado, porque o revestimento dos dedos, por mais fina que seja a substancia indumentaria, amortece a sensação tactil.

Mas, si não fôra isso, para a Justiça não seria muito grande o inconveniente de uma tal pratica, porque até atravez de luvas as impressões podem ser estampadas pelos dedos, de accôrdo com as interessantes pesquisas de Stockis, do seguinte modo relatadas por Tomellini (2):

« Stockis, a este respeito, poz em evidencia factos importantes, como sejam os de que, calçando-se luvas de borracha ou de couro muito finas e depois untando-se ligeiramente os dedos, assim forrados, com tinta gordurosa de dactyloscopia e tocando um papel, na mancha denegrada resultante, distinguiam-se bem, ainda, as linhas papillares, de sorte a poderem ser examinadas e estudadas. Obtinham-se, tambem, impressões invisíveis, mas que podiam ser evidenciadas e estudadas muito bem, si com as mesmas luvas, ligeiramente besuntadas de gordura, se tocassem objectos de vidro. Tratando-se de luvas muito espessas, não era obtida nenhuma impressão interessante, mas somente o relevo da luva.»

Tambem Locard, no seu recente livro « L'enquête criminelle et les méthodes scientifiques », do corrente anno, escreve o seguinte, a proposito das impressões digitaes; « Pensa-se erradamente que o maior perigo para o successo da prova dactyloscópica seja que os malfeitores tomem o habito de usar luvas. Com effeito, esta precaução é extremamente rara, e si foi muitas vezes registrada em Londres e em Lausanne o emprego de luvas de borracha pelos ladrões, não contei em Lyon, em uma serie de 3291 verificações, senão uns 50 casos em que as luvas tenham sido empregadas. Aliás, faz-se necessario ter em vista o embaraço enorme que representam as luvas

(2) Luigi Tomellini — Manuale di Polizia Giudiziaria — Coll. Hoepli — 1912.

para pessoas que não estão habituadas a usal-as, justamente quando teem necessidade de toda a acuidade da sensação tactil, visto como trabalham quasi sempre no escuro ou com illuminação deficiente. Emfim, as pesquisas experimentaes de Stockis, de Liège, demonstraram que as luvas não constituem obstaculo absoluto para a formação das impressões. Observei o caso de um individuo que roubara em um café, tomando o cuidado de envolver os dedos com tecido *ninho de abelha*; apesar desta precaução, deixou numa garrafa impressões, um pouco atenuadas, é verdade, mas, no emtanto, utilisaveis, pois que, preso, foi reconhecido.»

O assumpto de que me occupo, como se vê, não é novo. Nem mesmo venho enriquecel-o com alguma contribuição pessoal interessante.

Quero referir, simplesmente, que, tendo feito, durante o curso pratico de Medicina Legal da Faculdade de Medicina de S. Paulo, no corrente anno, alguns ensaios acerca dessa possibilidade de obtenção de impressões digitaes, podendo servir á identificação, atravez de luvas finas, particularmente de borracha, pude convencer-me de tal facto. Não falta, comtudo, quem delle duvide, principalmente porque os auctores ou não se referem absolutamente a elle, ou então, si o fazem, não lhe dão grande importancia. Assim é que Argeu Guimarães (3) escreve, tratando do valor das impressões deixadas pelos criminosos no local do crime: «Tudo isso suggeriu aos delinquentes a previdencia de agirem enluvados. E' burla efficaz, se bem pretenda Stockis não obste a impressão o uso de luvas finas, como as de *peau de Suède*. Será exacto?»

Foi a exactidão das affirmativas de Stockis que tive o ensejo de verificar.

Os meus ensaios se referem a impressões visiveis e a impressões invisiveis. As impressões visiveis consegui obtel-as, positivas e negativas, depois de revestir a ultima phalange digital com dedos de luva de borracha e de panno, de differentes espessuras: muito finas, medias e grossas. Para obter as impressões visiveis positivas, besuntava a polpa do dedo revestida, com tinta commum de dactyloscopia e tomava, em fichas, a sua impressão. As impressões visiveis negativas obtive-as pou-sando o dedo em uma camada fina de tinta de dactyloscopia ou em um bocado de cêra amollecida.

Consegui, assim, impressões muito bem identificaveis empregando o revestimento de borracha muito fina (Figs. 2, 3 e 4), e impressões ainda identificaveis, embora mais difficilmente, com o revestimento de borracha de espessura media,

(3) Argeu Guimarães — Epitome da dactyloscopia — Rio — 1917.

Fig. 1



Fig. 2

Fig. 3

Fig. 4

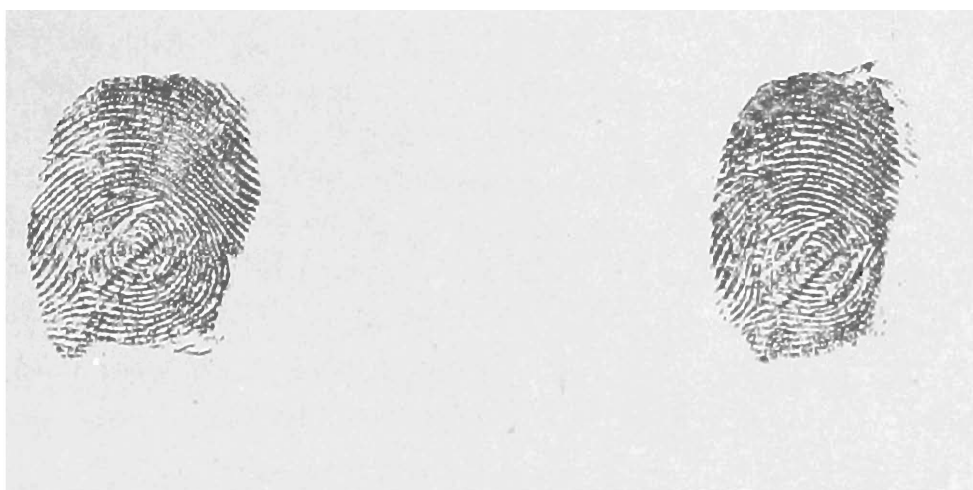


Fig. 5

Fig. 6

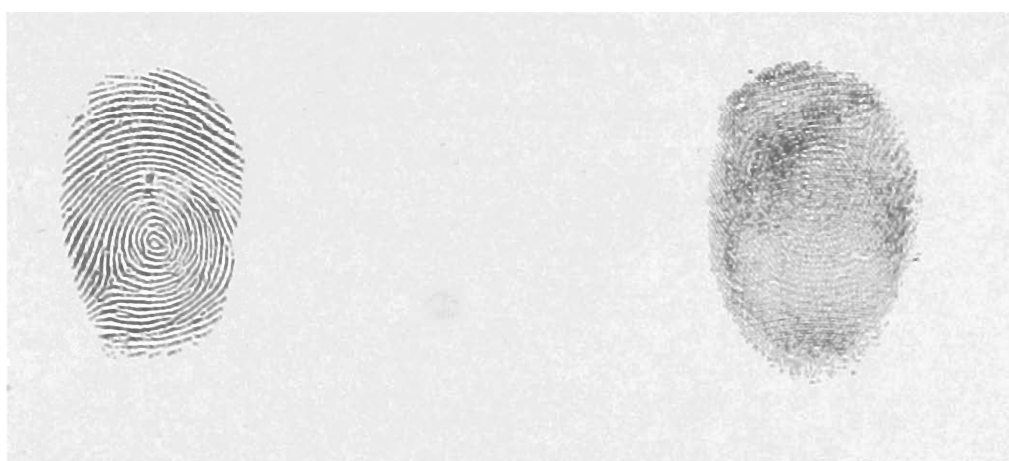


Fig. 1 -- Impressão digital tomada com o dedo descoberto.

Figs. 2 3 e 4 — Impressões do mesmo dedo, previamente revestido com um dedo de luva de borracha muito fina.

Fig. 5 — Impressão digital tomada com o dedo descoberto.

Fig. 6 — Impressão do mesmo dedo, previamente revestido com um panno de sêda fina.

das luvas usadas habitualmente nos exames gynecologicos, e, igualmente, com o revestimento de panno de seda (Fig. 6).

Com um envoltorio de borracha grossa, de camurça ou de panno grosso (morim, etc.), não me foi possivel obter desenho papillar algum, mas somente o desenho proprio do revestimento.

E' interessante assignalar que, no caso do emprego do dedo de luva de borracha fina, esta estava pouco distendida, até mesmo cheia de rugas (vej. figs. 2, 3 e 4), o que, evidentemente, não succederia na pratica criminal, em que a distensão da pellicula de borracha será mais perfeita, de accôrdo com as exigencias da percepção tactil.

Impressões invisiveis ou, melhor, latentes, ensaiei obtel-as em laminas de vidro e no papel, depois de ter passado previamente pelo rosto os dedos cobertos pelo revestimento a estudar, de molde a untal-os ligeiramente. Ainda assim, servindo-me da borracha muito fina, consegui deixar, tanto no papel como no vidro, impressões que, réveladas pelo peroxydo de manganez, puderam ser identificadas perfeitamente, como tive o ensejo de mostrar no curso pratico de Medicina Legal.

E' desnecessario salientar que nem sempre existirão impressões identificaveis apesar do emprego de luvas muito finas.

E', aliás, tropeço em que a policia esbarra, muito frequentemente, até quando os delinquentes operam com as mãos descobertas, de modo que nem devo insistir em tal excepção.

Os resultados dos meus ensaios, feitos para demonstração aos alumnos em aula pratica, não merecem, ó obvio, mais longas considerações, porque constituem facto evidente, em que pese aos que delle duvidam.

S. Paulo, 23 de Março de 1920.



DA ANCYLOSTOMOSE E SUA PROPHILAXIA

CONFERENCIA REALISADA NA ESCOLA NORMAL DE SÃO CARLOS,
AOS 4 DE ABRIL DE 1920

Pelo Doutorando ULYSSES DE SOUZA E SILVA

Senhores e Senhoras:

Parece bastante estranho, que eu, um modesto e simples estudante de medicina, o mais humilde dos alumnos da Faculdade de Medicina e Cirurgia de S. Paulo, — venha, — justamente a São Carlos, esta bella e culta cidade, onde, ao lado de tanta belleza que floresce ha tanto talento que fulge — para honra e gloria de nossa raça, — parece estranho, digo, — que eu aqui venha fazer uma conferencia.

Perdoae-me, Senhores e Senhoras, — a triste carencia da minha palavra andrajosa e sem brilho!

Eu não vim aqui fazer propriamente uma conferencia, — para o que me falta tudo que para isso é mistér.

Eu aqui me acho, pezar da minha humildade, — cumprindo um deve sagrado de patriotismo, obscuro palladino da Sciencia, — qual o de ser porta vóz de meus queridos collegas da Faculdade de Medicina e Cirurgia de São Paulo.

Estamos na grande epóca do nacionalismo.

De Norte a Sul do Paiz, — esta palavra echôa, n'um brado altisonante, muitas vezes angustioso e pungente, convocando todos a postos, para a grande lucta da *Defeza Nacional*.

Echôa ainda e cada vez com mais intensidade em todos os recantos da Patria e na alma de cada brasileiro digno desse nome, — a voz bemaventurada e tão cheia de amargura e abençoada saudade — do immortal poeta — Olavo Bilac.

Ruflam os tambores por todos os recantos, a voz dos clarins acordam a dormencia das montanhas e valles e o brado de alérta se insinúa pelo coração das florestas, pregando o proximo advento da *nova éra*.

Fundam-se associações patrioticas de todas as especies.

A Liga Nacionalista, — revestindo-se de coragem, recobre-se com o escudo do amor patrio, de espada em punho, — lá vae, abnegadamente, esmagando preconceitos, — derribando pessimismos, e nesse desbravejar continuo e sem tregoa, triumphante levanta, glorioso e bello o edificio brilhante baluarte de nossa força e nossa gloria!

E, tudo tende ao mesmo fim, em raios tudo converge para o mesmo centro, tudo para o mesmo aneio, — o amor á nossa Patria querida, a *Defeza Nacional*.

Unamo-nos todos, de coração e alma para a santa Cruzada, no mesmo affecto e nos mesmos actos, nos mesmos pensamentos, tendo sempre presentes estas profundas palavras de Comte:

«Aquelle que se julga independente dos outros nos seus affectos, nos seus pensamentos e nos seus actos, não poderá formular tal blasphemia sem uma contradicção immediata, porque sua linguagem lhe não pertence».

Lancemos, cada um de per si, — por menor que seja, -- um contingente na construcção desse bello edificio, -- o Pantheon soberbo de nossa gloria.

Foi por isso que nós, alumnos da Faculdade de Medicina, de São Paulo, — não querendo permanecer como simples e inactivos expectadores da grande lucta, nos irmanamos, sem jactancia e sem vaidade e queremos prestar tambem o nosso contingente de que dispomos, modesto e humilde embora, pagando assim, com tão modesta mas sincera moeda, — um tributo de amor á nossa Patria querida.

Encorajados por nossos mestres amigos, desfraldamos o estandarte de nossa Cruzada e levaremos ao Interior do nosso Estado, — aquillo de que dispomos :

Um desejo ardente de ser uteis ao nosso Paiz em alguma cousa, grande e bôa vontade de luctar pro - Patria.

E assim vae nossa phalange, modesta embora, iniciar seu combate, repetindo a voz pungente e commovida de Arthur Neiva e Belizario Penna, quando, por suas patrioticas perigrinações pelos sertões de nossa terra, — bradavam ás administrações publicas que voltassem seus olhares para os flagellos que veem dizimando nosso povo, desvalorizando nossa gente, — que, vencida e triste, sem sangue e sem vida, em meio do esplendor eterno do nosso Paiz, contempla desanimada e cheia de angustia — este firmamento tão cheio de luz e rissonhas promessas de tanta felicidade, sem ter, durante tanto tempo, — um echo ao menos de compaixão á sua dôr !

E enquanto o Poeta, angustiado e triste, bradava que o Brazil é um *grande enfermo*, ao echo pungente de sua lyra de ouro, — a voz do Mestre, lá do alto da cathedra, respondia, chamando a attenção da alma da mocidade, que o *Brazil é um vasto hospital*.

E nós, que nos iniciamos no magno sacerdocio da Caridade e do Amor, — e que nos orgulhamos dos Mestres que temos, vimos repetir aos nossos irmãos de patria os ensinamentos dos Mestres e vos pedir que, pelo amor ao nosso Paiz, engrossem nossas phalanges, animem nossas cruzadas, para a grande e nobre lucta na defeza do nosso solo e nossa gente.

Aqui está, porque já não mais parecerá estranho que eu esteja em São Carlos, tão culta e tão nobre, deante de um auditorio tão selecto e intelligente, embora eu me veja amesquinhado pela minha humildade, sem falsa modestia, mas ennobrecido pela missão que aqui me trouxe e encorajado pelo intento nobre, que me estimula e me anima a dirigir-lhe a palavra.

Adréde escolhi São Carlos, tão culta e tão nobre, porque eu aqui vim simplesmente fazer um pedido, que eu sei será escutado, principalmente a vós, senhores professores, a vós, mocidade, que nesta abençoada tenda de ensino vos preparaes para receber a sagrada missão de cuidar da alma plastica das crianças; a vós, senhoras mães e a vós, senhoritas, que, com a doçura do vosso amor e a meiguice do vosso sorriso e da vossa palavra custodiada pelo encanto do vosso olhar, tudo podeis e tudo venceis neste mundo, — a vós eu venho pedir, em nome de nossos collegas, em

nome de nossa Patria querida, que repitaes de escóla em escóla e de lar em lar, — que, ao lado das preocupações moraes e intellectuaes, — deveinos cuidar seriamente da nossa saúde, para maior gloria de nossa Patria e maior triumpho de nossa raça.

E' aqui justamente que cabe o distico latino de Juvenal:
Mens sana in corpore sano.

Já desde remotas eras vemos a Historia a nos apontar a fraqueza dos povos flagellados pelas molestias, — qual a decadencia grega, quando os bellos filhos das montanhas e do mar, definhando de dia para dia, — flagellados pelo impaludismo e sem vida e sem sangue, tombaram vencidos pelas cohortes invasoras dos barbaros.

Deus e nosso amor não permittirão jámais, — que um destino equal nos contemple dos horizontes vastissimos de nossa Patria!..

Mas, não nos limitemos somente ás retumbancias sonoras e cheias dos discursos e conferencias, nem tambem ás promessas flamnantes das ligas pro'Saneamento

Felizmente agóra, e justiça seja feita a São Paulo, — o professorado vae contando com maior elemento para mais cabal desempenho de sua bella e nobre missão, a mais bella e a mais nobre de todas, porque paranympa com seu amor todo o futuro do paiz.

Ahi estão as escolas montadas com todos os requisitos modernos de hygiene.

Ahi estão os cursos de hygiene para o professorado na Commissão Rochfeller a que pertencem vossos distinctos e illustrados Mestres.

Pois é por isso que eu aqui estou abusando da vossa gentileza e magoando vossos ouvidos com a rudeza da minha palavra, sem arte e sem brilho, para vos pedir, principalmente a vós meus distinctos collegas e distinctas collegas alumnos desta Escola, que vos dediqueis com muito amor e carinho aos estudos de hygiene, principalmente da hygiene infantil e que guardeis com sofreguidão os conselhos e ensinamentos de hygiene que aqui receberdes de vossos illustrados e dignos professores, do vosso digno e illustrado Director, vossos verdadeiros amigos.

E, quando d'aqui sairdes tão bem aparelhados, levae tudo isto que aqui colhestes e, com simplicidade e carinho, incuti-o na alma do povo, educae nossa gente, serena e mansamente, semeae no solo da Patria querida, por todos os recantos a que fordes chamados em vossa sagrada e nobre missão, — que a dourada mêsse de amor e carinho será o vosso mais justo padrão de glorias, na divina apotheóse de um brilho supremo do supremo amor de nossa Patria.

O lar virtuoso e feliz, — vós o fazeis na escóla.

E' tambem na escóla que fazeis o lar higienico e alegre.

A alegria é a consciencia perfeita da bôa circulação e da saúde.

E a alegria é a perfeição, — *dizia Spinosa.*

Depois deste preambulo, permitti que eu toque muito de leve no assumpto que intitula esta palestra.

E' um tanto arido e pouco poetico.

Mas, perdoae-me o dissabor.

Demais, nem sei como diga :

Se nem tudo é flores ou são flores na vida.

E quantos tropeços e quantas *topadas* eu já tenho dado por esta assombrosa floresta, que é a lingua portugueza !

Mas, conto com vossa benevolencia, já que me honraes com a vossa gentileza.

São dois favores que voç fico devendo com muita gratidão.

Quando foi do combate levado a effeito pelas autoridades sanitarias do Estado, á endemia negregada do impalludismo que assolava varias zonas deste recanto do Paiz, como *Usina Esther, Monte Mór, Nôva Odessa, Santa Barbara, Villa Americana, Cariôba* e outras, — as vistas dos hygienistas, tendo á frente o illustrado e incançavel scientista *Arthur Neiva*, voltaram-se para mais esse triste flagello tão ou mais nefasto que o sezonismo: — *a ancylostomose*.

Eduquemos praticamente o povo.

Comecemos pelas escolas e vamos terminar na cozinha modesta das humildes choupanas perdidas á beira das estrades desertas, no coração dos ermos sertões de nossa terra.

O orgulho dos palacios não precisa tanto de nós.

Nossa missão semêia mais na modestia e colhe mais fructos na humildade.

Irmanados comnosco, senhores Professores, — vós que moldais a alma plastica das crianças, quanta cousa não fareis para o futuro de nossa gente, no ponto de vista hygienico — a par da sagrada missão que já vos pesa sobre os hombros, qual a de cuidar da parte moral e intellectual!...

Felizmente já muita cousa se tem feito neste paiz.

Mas, uma das cousas de mais real importancia está ainda um tanto esquecida e é justamente o que diz respeito á protecção á infancia, no ponto de vista hygienico.

Até hoje não temos ainda em São Paulo um hospital digno dessa esperança do nosso futuro, toda essa promessa do amanha da nossa vida, rebento do nosso amor, o maravilhoso plasma de nossa raça e glória.

Como confrange e apunhala o coração da gente, ver um entesinho, pallido e triste, sem uma pinga de sangue, enfezado e lacrimajante, victima imbelles das infecções, pasto' infeliz das verminoses, agonizando aos poucos, n'uma angustia suprema, elle, que era o amanha da vida e que bem poderia ser o tronco robusto, cheio de vida e seiva de toda uma geração galharda e forte, a proclamar aos céos e terra a grandeza do nosso sólo, a pujança de nossa raça, no triumpho soberbo do nosso amor!..

Seria, porém, uma injustiça silenciar sobre o que se tem feito nesse sentido.

Entre nós, estão os trabalhos do velho e incançavel scientista, *Dr. Clemente Ferreira*, — que tanto amor e tanta sollicitude, no *Posto de Protecção á primeira infancia*, na Capital e a cujo ser-

viço eu tenho a honra de pertencer, — ahí estão seus trabalhos attestando que nem todos se esquecem dos filhinhos de nossa Patria.

Como prova, aqui vos trago estes impressos, que sua gentileza me cedeu.

Ahí está também o vulto altamente digno e sympathico de nosso Mestre, *Dr. Rezende Puech*, e -- lutando pelo amor das crianças.

Ainda agóra em Dezembro proximo vae se realizar na Capital da Republica o *Congresso da Criança* e nós contamos certo que São Carlos nobre e culta como é, vae adherir, porque esta terra é um dos mais bellos e legítimos patrões de gloria de nossa Patria.

E' isto que vimos pedir aos Senhores e Senhoras, que trabalheis comnosco, — que se cuide com mais amor e disvello, principalmente da hygiene infantil.

Vós preparaes os futuros cidadãos, os futuros chefes e senhoras dos lares e é então agora que deveis ir arrancando da alma popular essas crendices e alusões absurdas, que tanto prejuizo accarretam á saúde publica.

A nós cabe ir mostrando ás crianças e mães de familia os perigos que nos ameaçam a integridade physica que tanto influe na integridade moral e intellectual.

E a lucta começou, tenaz e vigorosa.

Já desde 1917 o Brazil contava com o gigantesco auxilio da *Commissão Rockefeller*, que vem espalhando pelo mundo inteiro seus valentes exercitos em combate sem treguas ás verminoses.

Em toda parte do mundo ella arma sua tenda.

No Brasil, — ella acampou seus exercitos em *São Paulo, Minas, Districto-Federal, Estado do Rio, Santa Catharina, Paraná Rio Grande do Sul, Bahia, Pernambuco e Maranhão*.

No Estado de São Paulo, ella creou seus postos em *Guarulhos Atibaya, Nazareth, Apuhy, Brodowsky, São Simão, Orlandia*.

E o Serviço Sanitario, creando os postos de *Tremembé, Cosmopolis, Campo Grande, São Bernardo, Santo Amaro*, vae estendendo sua protecção por todo o Estado e a *Commissão Rockefeller* vae devastando essa praga terrivel que definha nossa gente.

E, a medida que um meio que a principio parecia bom entrava em fallencia, — surgiam novos meios de lucta e hoje já estamos com segurança a firmeza, e o combate é triumphante.

O flagallo tem que ceder.

Seria longo, se eu fosse, nos estreitos moldes desta palestra, descrever todos os methodos, toda a technica da lucta.

Quero apenas fazer sobresahir os pontos mais importantes que devemos conhecer para uma propaganda pratica, essencialmente pratica ao povo.

Nem falarei tão pouco do tratamento therapeutico pelos diversos medicamentos, como o *naphthól B*, o *thymol*, o *chenopodio*, o *jacatiá*, o *pacová*, a *raiz da caixeta*, etc, porque isso é da alçada dos medicos discutirem e mesmo não temos competencia por em-

quanto para discutir as vantagens ou desvantagens dos medicamentos.

Emtanto, parece que o *chenopodio* vae triumphar ; cumpre, porém, estar de sobreaviso com as falcificações do *chenopodio*.

Quem for leigo, é mais prudente e humanitario, se ficar quieto.

Confiemos na Sciencia, que ella não gasta tanto tempo para *fazer asneiras*.

Os *curandeiros* e *mettediços* podiam muito bem desconfiar que sua *sabedoria infusa* é um crime de lesa Patria e um peccado mortal.

Façamos resaltar os dois pontos capitaes :

1º) *Destruir os vermes adultos nos intestinos infectados.*

2º) *Construir fossas e uzar todos os meios para impedir que os infectados transmittam a outros a sua doença.*

O primeiro ponto cabe aos competentes.

O segundo ponto, podemos todos nós aconselhal-o praticamente ao nosso povo.

E' isto que devemos conhecer bem e aconselhar á nossa gente.

Óquerer tratar de ancylostomose, sem impedir nova infestação, é querer tapar o sol com peneira.

Em todos os postos, o serviço tem sido modelar e os resultados optimos. Se muitas vezes tem havido necessidade de meios coercivos, — para que, por intimações se dobrem ás necessidades de hygiene e tratamento, — quasi sempre o carinho e a diplomacia triumpham mais.

Nossa gente é de indole um tanto desconfiada ; — poremm ella por si já vae conhecendo a utilidade e o bem que a campanha vem trazendo.

Quando a diplomacia não vencer os rebeldes, — a força ha de vencer. Mas, a força para o Amor.

Não se brada aqui pela tal liberdade individual.

Quando a collectividade é ameaçada, ninguem tem vontade propria, sendo um perigo ao proximo.

Não fôra assim e não haveria necessidade da lei no mundo.

Mas, vencer pelo amor e pelo carinho é muito mais humanitario e mais suave.

A caridade triumphha sempre.

Eduquemos o nosso povo, que não tem culpa de tantos defeitos que o prejudicam.

Eis o nosso dever, eis a nossa grande missão.

Que a voz de Caridade abafe o rugido do egoismo.

Procuremos os meios mais simples e praticos possiveis de convencer nossa gente e fazel-a conhecer e evitar os perigos que a ameaçam, a ser grata á acção benefica dos governos e da boa vontade das pessoas de maior alcance de vistas.

Mostremos ao povo no campo, aos meninos nas escolas, ao colono no trabalho, ás mães de familia nos lares, por meio de lanternas de projecção, por meio de palestras ao alcance de todos, por meio de quadros e illustrações, — o terror das verminoses e a desgraça da ancylostomose.

Ensinemos ás populações ruraes a ter mais asseio com as habitações; que lavem o corpo, que sempre tragam ás mãos asseadas, rostos sempre limpos após o trabalho, pés limpos e calçados.

Mostremos-lhe o perigo que ha em abandonar os pés ás immundicies, — em comer as fructas e hervas, sem laval-as bem, em beber as aguas suspeitas, sem ferver-as ou filtral-as.

Façamos-lhe ver que os porcos, os caes, as gallinhas, outros animaes e outras aves, em se contaminando nos fócios de infestação, — vehiculam as doenças, bem como devemos mostrar-lhes os perigos das moscas e outros insectos.

Ponto capital, — é salientar o uzo das latrinas hygienicas em fóssas, porque assim evitarão as verminoses, as febres graves, typhicas, para typhicas e as dysenterias.

Sejamos carinhosos e encarçaveis nessa obra meritoria de caridade.

Nossa Patria está flagellada pelas verminoses, — mas em compensação cresce por todos os recantos 'a bemdita herva de *Santa Maria, O mastruço*, que o povo tão bem conhece e que nos dá o chenopodio, o valente exterminador das verminoses.

Quando alguns recalitrantes quizeram eximir-se ás intimações, lançaram mão de um recurso ao Snr. Ministro da Justiça e a resposta do illustrado titular foi a seguinte :

«A exigencia da construcção de fossas e gabinetes sanitarios nas habitações é medida de salvação publica, a unica que, a par do tratamento dos doentes extinguirá a opilação e em geral, as verminoses intestinaes, e bem assim quasi todas as infecções entericas».

Belizario Penna, no Districto Federal, conseguiu o anno passado, no curto prazo de cinco mezes, fazer 3.299 fossas e mais de 1.000 estão em acabamentoo.

Que o Governo, tendo apenas em vista o bem geral, tape os ouvidos á celeuma dos homens de má fé e á gritaria de mandonismos e ignorancias em materia de saúde publica.

Dirão muitos que tudo isto é lyrismo piegas de poeta e que é muito bonito e muito commodo, em um salão, rodeado de tantas flores, cumulado de tantas gentilezas, fazer gritaria e crear espantalhos, quando nem tanto é assim, que o quadro não e tão negro.

Mas, se assim não é, deixai as avenidas e os automoveis, abandonai a doçura dos estofos e os abrigos dos palacios, e ide por esses sertões sem fim, sob a soalheira e lança e o olhar pelas choupanas, percorrei essas zonas multiplas com o olhar da caridade e ouvi e vêde se *Miguel Pereira* tinha ou não razão, quando dizia que ali não brinca o riso de uma criança, d'ali não sóbe a bençã de um só velho e ali não correm os moços senão para a morte.

Emtanto, medita e bem !

Quanta vaidade inutil por este mundo !

Quantos monumentos assombrosos de fachada e brilho !

Quanto assombro ! Quantos banquetes, onde se bebe o sangue espumante de nossa gente e se esbanja o pão de tantos lares !

Indolente e imprestavel nossa gente, indolente e ridiculo o nosso povo ? !...

O que mais nos revolta neste mundo, é ver por essas revis-tinhas e por esses theatros, onde uma actriz delambida e sem

brio, um actor *almofadinha* e sem honra, — cospem tantos insultos ver tantos escarneos á face honrada do nosso querido *Jéca*, que lá vive de sol a sol rasgando o seio virgem da terra mater e fecundando com seu amor e seu suor o ventre desta *mãe fecunda que não crêa escravos! Indolentes* são esses tantos ancylostomos que sugam os thesouros do Estado!

Ridículos e infames são os miseraveis que se divertem á custa da dor alhêia!

Felizmente os governos do Paiz e justiça seja feita ao de São Paulo, escutam agóra, um tanto commovidos, — a voz dorida da Sciencia amargurada de tantos soffrimentos e os cofres publicos se abrem mais licitamente e os corações se enternecem e a razão se esclarece e a bôa vontade vac triumphando para a gallarda conquista do bem victorioso sobre o indifferentismo deprimente em que nos achavamos mergulhados até aqui.

Sob esse influxo beinfazejo de campanhas e luctas pró saneamento, — vão se tornando radicaes e triumphantes as transformações de nossa raça, transformação lenta, mas gloriosa, embora muitas vezes seja longinqua a risonha perspectiva do triumpho.

Façamos comprehender ao povo e ás almas um tanto pessimistas, que não nos illudimos com uma utopia, que não gritamos sem razão.

Despertemos as energias physicas e moraes para a serena ressurreição de nossa gente a um novo mundo de optimismo e verdadeiro amor á vida, para as illuminuras da maravilhosa alegria de viver e amar com toda a pujança de sua integridade physica, moral e intellectual.

Emquanto a maldade cynica de muitos procura apenas a feição ridicula de nossa gente, — para insultal-a, cuspindo escarneos e labros dolorosamente injustos na face honrada e nobre do nobre *Jéca Tatú*, cujo rosto crestado pelo sol ardente das soalheiras e beijado pelos serenos da noite e o orvalho das madrugadas, não se mascara com o revoltante cynismo dos *melosos almofadinhas e dandys efeminados* que passeiam pelas avenidas, cinemas e clubs; enquanto esses miseraveis, sem brio e sem alma, contemplam um pobre camponez apenas com os olhos da zombaria e mofa; — enquanto os maldosos gozam com seu cynismo e os egoistas com seu confôrto, — levantemos nós o olhar de compaixão para essas faces pallidas e tristes cobertas com a mascara da doença e da velhice precóce, onde se estampa o desanimo, todo um drama de miserias, n'um pessimismo amargo, como que n'um presentimento infinitamente triste de um destino angustioso de humilhação e aniquilamento.

Brademos ao nosso sertanejo:

Coragem, Jéca!

A Resurreição não tarda!

Compaixão para essa gente, que em sua vida tão simples não pode conhecer as causas de sua desgraça, que, em seu pessimismo entregam tudo ao destino cego, rolando ao léo da sorte, ave erradia, que não tem um norte, barco sem bussola, que não prevê os escolhos, nem tem o pouso de um sereno porto.

Percorramos o nosso Paiz e pelos sertões e pelos littoraes, lá encontramos, por toda parte miseria, desgraça, fome, miserias victimas das verminoses, do impalludismo e da cachaça.

Mendigos e desgraçados em nossa Patria!..

E lá vão elles, milhões de filhos deste Paiz, nossos irmãos de berço, — sem vida e sem sangue, pedindo esmola e envergonhando a Patria, porque, minados pelas doenças e vícios não teem coragem para trabalhar, prejudicando os lares ainda felizes, fulminando a raça, ou se deixam morrer na miseria de uma choupana abandonada e triste, sem uma pinga de sangue, olhar gotta serenando tristemente para o azul deste céu, este céu que nos derrama tanto calor e vida!.

Cheguemos e interroguemos o misero

Então, o que é isto ?

Sei lá — patrão ?

E' esta *canceira brava*, esta *empalamação*, este *fastio*, esta *inchação* que pegou na familia toda e não podemos mais trabalhar e tudo está por ahi abandonado, cafezal, roça, criação, tudo, tudo abandonado, tudo morrendo!...

E o misero caboclo, o honrado colono, que outr'óra fôra um jequitibá de forte, estende seu dorido olhar em torno, onde o matto cresce e invade tudo, onde a miseria espreita, a fome resteja com uivos de hyena e a morte avança vagarosa e lenta, destruindo os lares, mocidade, vida, amor, alegria, fulminando a raça, — elle estende o olhar dorido em torno e uma lagrima furtiva desce por suas faces macilentas e inchadas e elle nos conta a historia de sua desgraça, n'uma voz dolente e triste, profundamente triste e dolente...

E' uma dor exquisita ao nivel do epigastrico e veem as nauzeas e veem os vomitos.

Uma canceira invencivel que o prosta vencido.

E aquellas dores de estomago vão se aos poucos estendendo-se por todo o abdomem e diffundem-se pelo ventre e apenas se acalmam um pouco, quando ingerem algum alimento, — mas, momentos depois voltam e voltam aquelles vomitos de biles de uma aguadilha amarga ou de uma substancia mucosa e visguenta, — perde a vontade de se alimentar, e veem as vertigens e succedem-se as syncopes e vem o aniquilamento final.

Muitos dos doentes teem um appetite exagerado, a outros falta por completo, muitos entregam-se ás mais absurdas e originaes perversões de appetite, desejam comer as cousas mais absurdas, terra, lama, carvão, fructas verdes e podres, fezes.

O illustrado e joven medico, *Dr. Paulino de Mello*, ex encarregado do Posto da Commissão Rochfeller, em *Guaratuba*, no Estado do Paraná, — cita em sua bella these de doutoramento, — *A ancilos tomose e seus tratamentos hygienicos*, — um caso originalissimo de um doente que costumava deixar a agua que bebia, em contacto com as proprias fezes, durante 24 horas e só assim é que ella lhe sabia bem. E assim quanto horror!

Emquanto o doente falla, sentimos-lhe o mau halito; sua lingua é saburrosa, com impressão dos dentes nos bordos.

Ora são as dyspnéas, as tachi cardias, as palpitações do coração, que mais se accentuam.

E ahi vemos familias inteiras, velhos, moços, crianças, abstractos, tristes, apathicos, desanimades, incapazes de qualquer acção e reacção, vencidos physica e moralmente, sem sangue, sem

vida, sem sentimentos tantas vezes de dignidade, de brio, de coragem; indifferentes á honra, ao amor, a tudo!

E á soleira das cabanas, á margem dos rios, á beira das estradas, lá ficam horas e horas, esquecidos a olhar tristemente, de cocoras, na posição classica do Jêca, — uma nuvem longinqua que desaparece, o voou tremulo de uma ave erradia que passa ou a agua do rio que corre, e lá vae, como que chorando a historia dequella vida que corre, triste e pungida, rumo do aniquilamento.....

E aquella face balôfa, côr de cêra velha, tem um sorriso triste de desanimo, um ar pungente de imbecillidade e descrença, é a dor humanada.

Todo o individuo é um cadaver em pé, pelle, unha, mucosas, escleroticas, tudo branco; pés inchados, mãos inchadas, pernas finas, o olhar indefferente e dorido, olhos baços, sem brilho pupillas dilatadas, pernas finas, ventre protundente, um phantasma de dor perdido nos êrmos.

Nesse misero organismo nada escapa á invasão lenta do exterminio vagaroso, trahidor, fulminante.

Tudo vae pagar seu tributo:

Intestino, cerebro, sangue, glandulas de secreção interna, glandulas genitales. aparelho digestivo, circulatorio, nervoso. tudo soffre e tambem soffre o moral.

Pois esse miseravel de quem eu vos dei tão pallida descripção, é uma das victimas de um dos nossos flagellos, misera victima das verminoses, triste pasto da *ancylostomose*.

E' para esses que eu aqui estou em nome de meus collegas, pedindo compaixão.

Façamos por elle alguma caridade educando-o nos preceitos de hygiene para que elle saiba evitar essa desgraça.

Estamos fartos de saber que cada um de vós que me escutaes já tem comsigo este mesmo anceio que percorre toda a alma da Patria.

Mas, nosso pedido é um reforço, debil emborz ao nosso encorajamento.

Longe de querer estimular-vos, somos nós que vos pedimos que nós estimuleis.

Ensinemos á nossa gente, o mais praticamente possivel os meios de se evitarem esses flagellos.

Aconselhemos-lhe os preceitos de hygiene e que recorram com confiança aos postos montados pelo Estado e pelos hygienista!

Não deixemos que individuos de pouco senso calumniem o nosso clima, que nunca fez mal a ninguem e nem proclamem a inferioridade de nossa raça e nem andem bradando que o nosso povo é indolente e mau.

Não ha inferioridade.

Falta educação.

Isso está em nossas mãos.

Queremos ensinar ao sertanejo a evitar as contaminações.

Queremos mostrar-lhe que o maior perigo que causa a si e aos que o cercam, é permittir que se espalhem as fezes, aqui e ali, no solo livre, em torno á sua habitação, pelas hortas, pelos

pomares, onde tudo dispõe á infestação, — animaes, insectos, alimentos, aguas.

Digamos a elle e mostremo-lhe que as fezes a descoberto, dão logar a que os ovos dos parasitas se desenvolvam em larvas que penetram pela pelle, pelas vias digestivas e aereas, vão ao organismo e sugam e corróem os intestinos, e depauperam e intoxicam o sangue.

Mostremos quanto elle deve temer essa triste e terrivel infestação verminóntica, que é altamente toxica e altamente contagiosa, o maior factor dys-genico do Paiz.

Digamos ao povo em altas vozes quanto os vermes intestinaes são nossos inimigos, que terrivel inimigos temos no *ancylostomo duodenal*, ou melhor, entre nós, o *necator americano*, que muitos, erradamente, dizem *Uncinaria*.

Essa terrivel infestação tem uma serie de nomes, immensa, de que eu me lembrarei apenas dos mais communs, pondo de lado os nomes scientificos, que não interessam tanto ao povo.

A ancylostomose é chamada *anemia dos tunneis*, *anemia*, *anemia perniciosa*, *anemia dos paizes quentes*, *chloro anemia*, *amarellação*, *inchação*, *opilação*, *cangoary*, *tun tun*, *mal da terra*, *empalamação*, *empambado*, *enfarte*, *canção etc. etc.*

A historia dessa melestia perde-se nas profundezas de longinquas eras, desde ás margens do rio sagrado, nas longinquas e vastissimas regiões do Egypto antigo, até sua entrada na Európa nos fins do seculo XVIII e na America com os escravos e viajantes vindos do além mar.

As cinco partes do mundo soffrem seu flagello.

Em nosso Paiz, foi desde 1648, que *Piso*, illustre medico holandez que aqui chegou com *Mauricio de Nassau*, — já se referia a essa molestia entre nós.

A etiologia da ancylostomose está completamente estudada. A galleria immensa dos scientists, como *Darling*, *Dubini*, *Loos*, *Leichtenstern*, *Wucherer*, *Petoncito*, *Leuchart*, *Calmette e Breton*, *Max Braunn*, *Grassi*, *Parona*, *Mauson*, *Lutz*, *Julio de Moura*, *Lauro Travasso*, *Anstregesilo*, *Arthur Neiva*, *Rubião Meira*, e tantos outros, — prova que o amarellão tem como factor principal esse terrivel verme, — o medonho *ancylostoma* ou o *necator*.

Cumprе notar, porem, que ha individuos que são portadores e não soffrem tanto.

Tanto o que se deixa vencer, como os portadores, devem ser combatidos energicamente para o bem de nosso Paiz.

O terrivel verme penetra por todas as vias de que fallamos, pela pelle, pelas vias aereas e digestivas. Milhares e milhares de ventosas sugam o sangue e corróem os intestinos e as toxinas envenenam o organismo.

Os vermes abandonam o logar, fixam-se em outros, deixam a porta por onde ha hemorragia.

Se gregam uma substancia que impede a coagulação do sangue e uma toxina que envenena o organismo e hemolysa os

globulos sanguineos e perturba o funcionamento dos orgãos neoformadores desses globulos o corpo soffre e o moral se avilta.

E nem o emphisema pulmonar, a degeneração gordurosa do figado e coração, a anêmia do baco e hypertrophia, os rins, com degeneração gordurosa entram em nephrite, o cerebro cáe na desgraça.

Graças a gentileza do Dr. *Mario Pernambuco*, e dos bons mestres e amigos Professores *Darling* e *Samuel Smils*, eu posso mostrar-vos estes quadros e estes vermes.

Num desses quadros, vêdes o ovo do parasita.

Ovo elliptico, envolto por uma cuticula lisa, dura, delgada, transparente, extremidades arredondadas.

O ovo tem 0,06 de comprimento e 0,004 de largura. Tem 4 a 8 blastomeros e cada um destes com seu nucleo.

E fóra do organismo, á temperatura de 25 a 30°C nos terrenos arejados, humidos e sombrios, em meio ás fezes que elles se desenvolvem.

Ahi está porque se devem uzar as latrinas em fossas, latrinas hygienicas, bem fechadas, que não deem acesso aos animaes e ás moscas.

Por isso é que devemos aconselhar ao povo que deixe o pessimo habito de defecar no chão, ou guardar as fezes em barris e recipientes para adubar o terreno.

Os ovos precisam do oxygenio para se desenvolverem e tambem de sombra e humidade.

Elles se desenvolvem em *morula*. Depois vem o *embryão*, que, em 24 ou 48 horas quebra um polo do ovo e sae a larva *rabidiforme*, voraz, terrível, que dá a forma *strongyloide*.

A larva depois se enkysta em uma bainha hyalina e kytinosa, que tem o tubo digestivo e os dois labios na extremidade da cabeça. Cinco dias depois ella já resiste aos agentes exteriores. Assim vivem mezes nas aguas e fezes nos logares sombrios e humidos.

E esses kystos penetram no tubo digestivo humano, as larvas entram pela pelle.

Desses kystos libertam-se as larvas e dão os vermes adultos.

Já 4 a 6 semanas após a infestação ha ovos nas fezes.

Vimos que as larvas penetram rapidamente pela pelle.

Leichtenstern, diz que um ankylostomado em um dia elimina 4.000.000 de ovos.

Bass, calcula em 4.490.000.

Lutz, calcula em 6.000.

Parona e *Grassi*, dizem que, 150 a 200 ovos por centimetro cubico de excremento indicam a infecção de 1.000 ancylostoma, 250 machos e 150 femeas.

Grassi e *Leichtenstern* contam 20.000, — em cada grammo de fezes, dando uma infecção para mais de 1.000 de ambos os sexos.

A media das infecções graves é para mais de 4.000 vermes.

N'este vidro estão cêrca de 7.000 vermes adultos.

As larvas entram pelas venulas da pelle, vasos lymphaticos, vão ao coração direito, depois á pequena circulação, depois aos capillares pulmonares, perfuram, vão aos alveolos pulmonares, passam aos bronchiolos e bronchios, vão á trachéa e esophago e chegam ao seu habitat normal, o duodeno ou intestino.

As larvas do *Necator* penetram a pelle, deixando prurido, papulas, pustula.

Seis semanas depois ha ovos nas fezes.

Por ahi, vemos o grande, o immenso perigo dessa verminose, o grande mal que ha em se deixarem as dejecções no solo livre, onde os individuos descalços, ao pisarem-nas, são infestados, ou ainda pelas mãos, pelos alimentos, fructas, hervas, aguas, etc.

Foi *Loos* o primeiro a provar que ellas penetram pela pelle, quando, accidentalmente se infestou nas Indias.

O ponto capital da lucta, está nessa prophylaxia.

Attendendo a isso, os governos baixam decretos e organisam regulamentos para a salvação da saúde publica.

Transcrevemos do Regulamento do Sanatório Rural, do Estado do Paraná, que baixou o decreto n. 779 de 8 de Outubro de 1918, os seguintes artigos :

ARTIGO 30. — «Nas habitações tanto isoladas como confluentes que não forem providas de exgottos será exigido o uzo de fossas.

ARTIGO 31. — As fossas serão protegidas por uma casinha de madeira ou de tijolos, hermeticamente fechados, deixando apenas sobre o assento o orificio destinado á sua utilização, o qual será provido de tampa, á prova de moscas.

ARTIGO 32. — As fossas não poderão receber materias fecaes senão até dous terços do seu volume, quando deverão ser aterradas.

ARTIGO 23. — A fossa que for construida em substituição á aterrada ficará distante desta no minimo dois metros.

ARTIGO 34. — Nenhuma fossa poderá ser aberta sem previo aviso á autoridade sanitaria, que terá muito em vista a profundidade do lençol de agua e a situação da fossa em relação aos poços de agua potavel e ás habitações.

ARTIGO 35. — E' prohibido o emprego de fezes humanas como adubo.

ARTIGO 36. — E' prohibida a contaminação do solo nos arredores das habitações, bem como nas visinhanças dos cursos e collecções de aguas de abastecimento, pelas dejecções humanas.

ARTIGO 37. — Nas colonias ou villas ruraes, fabricas, escolas, quarteis, asylos, fazendas e outros estabelecimentos agricolas ou industriaes, as latrinas serão, no minimo, na proporção de uma para 30 pessoas.

ARTIGO 38. — As aguas servidas e escórias das industrias ruraes que possam polluir os cursos de agua, com servidões a juzante deverão soffrer tratamento conveniente antes de serem lançadas nos ditos cursos, salvo casos especiaes.»

Vêem os senhores, como é rigorosa a prophylaxia dessa verminose, dado seu immenso perigo.

Emtanto, não é tão difficil como parece.

Eduquemos o povo, tenhamos compaixão de sua ignorancia.

Na roça, no campo, aconselhemos nossa gente a fazer um poço, distante das habitações e aguas correntes, tendo dois metros de profundidade, um metro quadrado de bocca, tampado contra as moscas e as chuvas, protegido com uma casinha e construir essa latrina simples em logar não alagado de chuvas e onde não haja fontes ou muita agua no subsólo.

Atterram-se essas de dois em dois annos e abre-se outra a 2 metros de distancia da aterrada.

Não é muito difficil isso.

Aconselhemos ao povo e ás crianças a servirem-se das latrinas e não contaminarem o solo patrio.

Antes de terminar, peço-vos mais um pouco de gentil attenção para uma rapidissima descripção do verme adulto.

Serei breve.

Nestes quadros, vêdes os vermes adultos.

O macho é de 7 a 10 mm. e a femea é de 9 a 11 mm.

A infecção pelo *Necator americanus* no Brazil excede a 90 %.

E' parasita da ordem dos *Nematoda*, familia *Strongilidae*, sub familia *Bunostominae*.

Tem esse verme na capsula buccal duas laminas cortantes, espiculos curvos em gancho, no macho.

Darling acha que o *Necator* é originario da India.

A femea tem a extremidade posterior rhomba.

A bocca é quadrilatera, com duas laminas cortantes, quatro dentes infero lateraes, um dente dorsal:

Dubini diz que seu habitad normal é o duodeno.

Dizem uns, que o *Necator* se alimenta de sangue e outros que só de mucosa intestinal, que elle vae arrancando aos pedaços e outros ainda, que faz as duas cousas ao mesmo tempo.

Aqui tendes um pedaço de intestino de uma autopsia, onde vêdes os vermes fixos na mucosa intestinal.

Seja como for, a *ancylostomose* é uma desgreira.

Terminando Senhores e Senhoras, depois de ter abusado tanto de vossa gentileza,—eu vos repito ainda, e sempre que tenhamos compaixão de nossa gente, luctemos e luctemos sem tre-goas, em tudo que pudermos, mostrando ao nosso povo, o quadro negro, immensamente negro dessa molestia, o maior factor dys-genico de nossa Patria.

Dou-me por muito bem pago dos sustos de minha ousadia de ter accedido ser porta vóz de meus queridos collegas, em vossa culta e gentil presença,—em nome dos ques eu vos agradeço de coração as gentilezas de hospitalidade e attenção.

Em nome de nossa querida Faculdade eu vos peço que leveis por este Brazil querido. nossa palavra, nossos conselhos, nossos exemplos, nossos ensinamentos, nosso amor e carinho de evangisladores,—pregae a Verdade e o Bem, tendo por lemma das cousas da terra,—*Patria super omnia*.

Charitas et Amor, Deus ibi est.

Estendei o pallio de vosso amor, principalmente sobre a cabeça innocente das crianças, esse risonho amanhan de nossa Patria, toda a gloria do nosso amor, maravilho plasma de nossa raça.

Proclamae o sublime advento da grande *Ressurreição*.

Não permitaes nunca, que estrangeiros rola—dos de além Patria ou filhos ingratos á nossa estremecida terra mater, envergonhem nosso Paiz e injuriem á nossa gente.

Batamo-nos tambem pela proplylaxia dessa nefasta e tambem negra verminose moral.

Levo no coração immoredoura e grata saudade desta bella e culta cidade, tão rica em belleza, nobreza e talento e ao findar vos peço que concorraes para o *Congreseo da Criança* a realizar-se em Dezembro proximo na Capital da Republica.

São dez mil réis apenas que tiraes de vossos cofres, mas que representam dez mil auroras de amor e dez mil seculos de bençam aos vossos lares.

Muito obrigado

Tenho dito

ULYSSES DE S. SILVA

AVISO

Para não retardar a publicação deste numero — o que prejudicaria o aparecimento dos fasciculos subsequentes, a Comissão de Redacção resolveu prescindir do «NOTICIARIO», neste numero, deixando-o para o proximo.

ORIENTAÇÕES PARA O USO

Esta é uma cópia digital de um documento (ou parte dele) que pertence a um dos acervos que fazem parte da Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP. Trata-se de uma referência a um documento original. Neste sentido, procuramos manter a integridade e a autenticidade da fonte, não realizando alterações no ambiente digital – com exceção de ajustes de cor, contraste e definição.

1. Você apenas deve utilizar esta obra para fins não comerciais. Os livros, textos e imagens que publicamos na Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP são de domínio público, no entanto, é proibido o uso comercial das nossas imagens.

2. Atribuição. Quando utilizar este documento em outro contexto, você deve dar crédito ao autor (ou autores), à Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP e ao acervo original, da forma como aparece na ficha catalográfica (metadados) do repositório digital. Pedimos que você não republique este conteúdo na rede mundial de computadores (internet) sem a nossa expressa autorização.

3. Direitos do autor. No Brasil, os direitos do autor são regulados pela Lei n.º 9.610, de 19 de Fevereiro de 1998. Os direitos do autor estão também respaldados na Convenção de Berna, de 1971. Sabemos das dificuldades existentes para a verificação se uma obra realmente encontra-se em domínio público. Neste sentido, se você acreditar que algum documento publicado na Biblioteca Digital de Obras Raras e Especiais da USP esteja violando direitos autorais de tradução, versão, exibição, reprodução ou quaisquer outros, solicitamos que nos informe imediatamente (dtsibi@usp.br).